

Regina Stela Barcelos Machado

Memorial

Memorial de Atividades Didáticas, Científicas, Culturais e Profissionais
Apresentado como requisito para o Concurso de Habilitação à Livre
Docência junto ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de
Comunicações e Artes da USP

São Paulo Agosto 2002

*A MEMÓRIA DA MEMÓRIA: UMA METÁFORA INTRODUTÓRIA**

A FIANDEIRA FÁTIMA E A TENDA

Uma vez, numa cidade do mais longínquo Ocidente, vivia uma moça chamada Fátima. Era filha de um fiandeiro que certo dia lhe disse:

- Filha, faremos uma viagem, pois tenho negócios a tratar nas ilhas do Mediterrâneo. Talvez lá você encontre algum moço atraente, de boa posição social, com quem você poderá se casar.

Iniciaram então a viagem, indo de ilha em ilha, o pai tratando de seus assuntos e Fátima sonhando com o homem que poderia vir a ser seu marido. Mas um dia, quando se dirigiam a Creta, armou-se uma tempestade e o barco naufragou. Semi-inconsciente, Fátima foi arrojada pelas ondas a uma praia próxima de Alexandria. Como seu pai e toda a tripulação do navio morreram, ela estava agora inteiramente desamparada.

Só conseguia se lembrar vagamente do que fora sua vida até a dura experiência do naufrágio, e de ter estado prestes a morrer afogada. Sentia-se exausta e aturdida.

Enquanto vagava pela praia, uma família de tecelões a encontrou. Apesar de serem muito pobres, levaram-na para sua pequena casa e lhe ensinaram seu ofício. Desse modo, ela iniciou uma segunda vida e durante dois anos voltou a ser feliz, resignando-se com a sua sorte. Mas um dia, estando na praia, um grupo de mercadores de escravos desembarcou e a levou, junto com outros cativos.

Fátima não despertou qualquer compaixão nos traficantes, que a levaram a Istambul, onde a venderiam como escrava.

Pela segunda vez, o mundo de sonhos e esperanças da jovem ruína. Mas quis a sorte que no mercado houvesse poucos compradores na ocasião. Um deles era um homem que estava atrás de escravos para trabalharem em sua serraria, onde se fabricavam mastros para embarcações. Ao perceber o ar desolado e o abatimento de Fátima decidiu comprá-la, pensando que assim, pelo menos, poderia oferecer-lhe uma vida um pouco melhor do que a jovem teria se fosse adquirida por outro comprador.

Ele levou Fátima para sua casa, com a intenção de fazer dela uma criada para sua esposa. Mas ao chegar em casa, soube que perdera todo o seu dinheiro num carregamento que fora roubado por piratas. Não poderia agora arcar com os gastos tidos com trabalhadores e assim, ele, Fátima e sua mulher se viram sozinhos para levar a cabo a pesada tarefa de fabricar mastros.

* O presente texto, até o ano de 1991, é uma adaptação do Memorial apresentado como requisito para o Concurso de Ingresso na Escola de Comunicações e Artes da USP realizado no mesmo ano.

Grata a seu empregador por tê-la resgatado, Fátima passou a trabalhar com afinco e tão bem, que ele lhe deu a liberdade e a fez sua ajudante de maior confiança. E foi assim que ela chegou a se sentir relativamente feliz em sua terceira profissão.

Certo dia seu patrão lhe disse:

- Fátima, quero que vá a Java, como minha representante, com um carregamento de mastros. Certifique-se de estar vendendo-os bem.

Ela partiu então. Mas quando o barco estava na altura da costa chinesa foi alcançado por um tufão. E uma vez mais, Fátima se viu lançada como naufraga a uma praia de um país desconhecido. E outra vez chorou amargamente, por sentir que nada em sua vida acontecia de acordo com suas esperanças. Sempre que algo parecia caminhar bem, um incidente ocorria e tudo ia por água abaixo.

- Por que será – ela exclamou pela terceira vez – que sempre que tento fazer alguma coisa, ela fracassa? Por que têm de ocorrer tantas desgraças comigo?

Mas não obteve resposta a suas indagações interiores. E assim teve de levantar-se da areia e caminhar pela praia. Aconteceu, no entanto, que ninguém na China jamais ouvira falar de Fátima, nem sabia de seus problemas. Mas corria uma lenda de que ali chegaria um dia certa mulher estrangeira, capaz de confeccionar uma tenda especial para o Imperador. E já que até então não havia ninguém na China apta a tal serviço, todos esperavam o cumprimento daquela predição com a mais viva ansiedade.

Para assegurar-se de que a estrangeira ao chegar não passasse despercebida, ou fosse confundida com outra pessoa, os sucessivos imperadores chineses costumavam enviar arautos uma vez por ano a todas as cidades e aldeias do país, solicitando que cada mulher estrangeira recém chegada fosse logo encaminhada à Corte.

Justamente numa dessas ocasiões é que Fátima, muito cansada, chegou a uma cidade costeira da China. As pessoas do lugar falaram com ela por meio de um intérprete, explicando-lhe então que tinha de ir ver o Imperador.

- Senhora – disse o rei, quando Fátima foi conduzida à sua presença, no palácio – sabeis fabricar uma tenda?

- Creio que sim, alteza.

E pediu que lhe trouxessem cordas, mas não as havia ali. Então lembrando-se de seus tempos de fiandeira, recolheu linho e confeccionou as cordas. Depois pediu uma tela forte, mas os chineses não dispunham do tipo de que ela necessitava. Apelando então à sua experiência junto aos tecelões de Alexandria, fabricou uma tela resistente para a confecção de barracas. Logo viu que precisava de estacas para suporte da tenda, mas também não as encontrou na China. Então Fátima, recordando-se de como fora instruída a respeito pelo fabricante de mastros em Istambul, fez com muita habilidade uns suportes sólidos. Quando estes ficaram prontos, ela puxou de novo pela memória, buscando lembrar-se de todos as tendas que havia visto em suas viagens. E vai daí que a tenda real ficou pronta.

Quando tal maravilha foi anunciada ao Imperador da China, este ofereceu a Fátima como recompensa dar-lhe o que ela mais almejasse. Então Fátima escolheu estabelecer-se na China, onde depois se casou com um formoso príncipe. Rodeada de seus filhos e do carinho do marido, viveu muito feliz até o fim de seus dias.

(in Idries Shah- Histórias dos dervixes.Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1967)

LEMBRANÇAS DA FIAÇÃO, DAS TRAMAS, DOS MASTROS E, QUEM SABE, DE UMA TENDA

Todo ser humano tem uma pergunta que orienta a forma como se relaciona com o mundo, durante o trajeto de sua história de vida. É por isso que se diz que um escritor, por mais livros que tenha escrito, escreve na verdade apenas um único livro. O “tema” existencial de cada um manifesta-se, explícita ou implicitamente, nas mais variadas atitudes, atividades, crenças, costumes e lembranças, de modo consciente ou inconsciente, e permanece como um LEIT MOTIF que anima ou, às vezes, desanima o percurso de uma vida.

Até onde a memória alcança, minha pergunta sempre girou em torno do significado da arte de aprender e, ao mesmo tempo, da aprendizagem que a arte propicia.

Aprendi a observar desde cedo que, se em geral as coisas que os adultos me davam a conhecer pareciam muitas vezes sem sentido e me faziam desconfiar, qualquer contato com a arte, ao contrário, me trazia uma certeza inexplicável.

Retomando ao longo do tempo minhas experiências de aprendizagem, percebo que a arte sempre esteve presente como fonte de conhecimento, ordenando significados e indicando novas direções. A primeira vez que enfrentei minha contingência de pessoa humana, a solidão e a unicidade do estar no mundo, foi quando, na pré-adolescência, escrevi um texto literário que expressava minha perplexidade diante da realidade do mundo adulto.

A primeira vez que enfrentei o mundo adulto e, neste enfrentamento, experimentei minha individualidade, foi em cima de um palco, com 15 anos de idade. O significado destas experiências enraizou-se de tal forma a direcionar daí para frente um projeto de vida ancorado na certeza de que a Arte, como disse John Dewey, é a extensão do poder dos ritos e cerimônias, que une os seres humanos aos incidentes e cenas da vida, através de uma celebração conjunta; assim, torna-os conscientes de sua ligação uns com os outros, em origem e destino.

Aprender a aprender, em contato com a arte, tem sido há muito tempo o objetivo do meu trabalho profissional.

O termo Arte Educação, com ou sem hífen, é bastante controverso e tem gerado inúmeras polêmicas. Processa-se interminavelmente a anedota dos cegos e do elefante. Para o cego que toca a orelha do elefante, arte não se ensina. Para outro que toca a perna do elefante deve-se dizer arteeducação; outro que toca o rabo do elefante pergunta: por que não se diz, então, matemática educação ou geografia educação? O cego que tateia o corpo do elefante afirma que a arte forma a pessoa completa, outro diz que a arte propicia a educação visual, outro afirma que ela é a redenção da humanidade, outro chama o elefante de educação da sensibilidade, outro o nomeia “desenvolvimento da criatividade”.

De qualquer forma, para mim, como um cego a mais – por que não? – tal denominação envolve uma relação cuja natureza expressa o que sempre foi a minha pergunta essencial e, ao mesmo tempo, contém em semente a possibilidade de uma resposta. De um lado, o fenômeno artístico e de outro, a educação como processo de formação de indivíduos, me levam a indagar sobre a natureza da Arte enquanto conteúdo de aprendizagem.

Por isso a história de Fátima a Fiandeira serve tão bem como metáfora, estabelecendo uma analogia profunda com essa pergunta. Em muitos contos tradicionais a China simboliza o conhecimento e Fátima passa por vários tipos de experiências que aparentemente nada têm em comum, mas que contribuem finalmente para a confecção da tenda, que não é para ela, mas para os habitantes daquele lugar. E por meio dessa síntese de conhecimento, realiza o sonho que movimentou seu caminho.

Na história de Fátima, o sonho inicial foi o encontro amoroso (o casamento no conto tradicional simboliza o encontro do ser humano consigo mesmo, com sua própria alma). Na minha história o sonho apresentou-se por meio de uma pergunta: qual a importância da Arte na vida do ser humano e como isto pode ser aprendido?

PRIMEIROS PASSOS NA DIREÇÃO DE UM PROPÓSITO

Ainda adolescente, eu reunia as crianças da rua para desenhar e pintar. Era sem dúvida uma continuação ingênua da brincadeira de escolinha que todas as crianças adoram, mas já tinha uma marca indiscutível de primeiro elo. Não era uma escolinha qualquer, era uma escolinha de arte.

Pouco depois, com 17 anos escolhi prestar vestibular em duas faculdades, de Ciências Sociais e de Teatro. Até onde podia ser, era uma escolha consciente: eu achava então que precisava aprender a pensar a condição humana dentro da sociedade, da política e da cultura, por isso as Ciências Sociais. Mas eu já sabia que não tinha a menor intenção de me tornar socióloga, nem mesmo uma socióloga da Arte. Eu queria, pensava, ser atriz. Assim como Fátima queria viajar para encontrar um noivo.

Mas afinal, na primeira fase eliminatória do vestibular da ECA, fui reprovada: a primeira prova, de conhecimentos gerais, tinha incontáveis questões sobre Getúlio Vargas e minha cabeça estava cheia de obras de arte, peças de teatro, filmes do cinema novo e não sobrava nenhum espaço para Getúlio. Embora tenha passado em quarto lugar no vestibular muito mais difícil da Ciências Sociais, não pude realizar meu então real objetivo e o interessante é que não tentei uma segunda vez entrar na ECA.

No primeiro ano de faculdade, tive duas experiências marcantes. A primeira foi logo no primeiro dia de aula de Sociologia, da profa. Maria Alice Foracci. Ela falava sobre Durkheim e eu tive a impressão de estar numa aula de grego. Não consegui entender nada e saí dali com a certeza de que algo muito errado se passava ou comigo ou com a escola que tinha frequentado até então. De qualquer forma eu achava que tinha sido enganada. Pois se desde o primário eu sempre tinha sido uma boa aluna, sem problemas de aprendizagem, sempre a primeira ou a segunda da classe, então o que estava acontecendo agora? Por que eu não compreendia o raciocínio da sociologia? Como e para quê eu tinha sido preparada na escola de primeiro e segundo grau?

Esta experiência focou minha atenção no processo de escolarização e dirigiu minha busca de conhecimento para a questão da aprendizagem.

A segunda experiência marcante dos meus 18 anos foi conhecer uma Escolinha de Arte de verdade, augurada antes nas brincadeiras adolescentes que eu fazia com as crianças. Foi quando encontrei a Escolinha de Arte de São Paulo recém inaugurada por Ana Mae Barbosa. Jamais poderia imaginar naquela época a importância que Ana Mae teria na minha vida, entrando assim meio por acaso para desvelar uma possibilidade escondida, entre um destino de socióloga e um destino de atriz.

O que vivi na Escolinha foi uma descoberta multifacetada e privilegiada: o trabalho criador das crianças florescia através da proposta trazida por Ana Mae. Já então se discutia ali a importância do desenvolvimento da percepção e dos princípios da forma artística como parte integrante do processo de formação da criança. Enquanto em outros lugares imperava a livre expressão, Ana Mae já tratava de conceitos que só muito mais tarde começaram a ser discutidos. As sementes da proposta triangular para o ensino da Arte já estavam sendo plantadas ali naquele casarão da Rua José Maria Lisboa, hoje um desses inúmeros prédios de apartamentos com a banalidade estampada nas samambaias que se vêem através das janelas.

Pude também conhecer o trabalho vigoroso de Joana Lopes e Madalena Freire. Joana experimentava na Escolinha o início de uma pesquisa que a tornou a mais séria, a mais apaixonada, a mais visionária e silenciosa profissional do ensino do Teatro no Brasil. A ela devemos muito, o tempo o dirá. Madalena também era uma jovem professora de Arte, recém chegada da Alemanha que depois seguiu seu caminho contribuindo muito para sacudir o mofo secular de pré-escola, onde quer que seu livro *A Paixão de Conhecer o Mundo* tenha chegado, em Araraquara ou Rondônia.

A atmosfera que se respirava na Escolinha era de intenso vigor intelectual, é claro, alimentado pelo furacão de Recife, mais conhecido como Ana Mae. Ela trazia para conferências e debates intelectuais de várias áreas, de Literatura, Política e Estética.

Ao mesmo tempo iniciei minha primeira aventura com tintas, pincéis, cores e formas. Durante as aulas com Ana Mae trabalhávamos no atelier depois que os adolescentes iam embora e me lembro até hoje dos ingênuos desenhos com lápis de cera e anilina que produzi com gosto, imagens coloridas de descoberta.

Estudávamos também os primeiros mestres, Lowenfeld e Herbert Read, os iniciadores do que começou a se chamar Arte Educação.

Embora eu tenha ficado até o fim na faculdade de Ciências Sociais, continuei o caminho iniciado na Escolinha até hoje, por atalhos às vezes, por trilhas insuspeitadas, abismos e becos sem saída.

Quando a Escolinha fechou em 71, fui dar aulas no IADE – Instituto de Arte e Decoração. Trabalhei tanto no curso colegial quanto no curso livre de decoração. Naquela época, os melhores profissionais da área passaram por ali; Sergio Ferro, Luis Paulo Baraveli, Marcelo Nietzsche, Ana Maria Belluzo, Ricardo Otake e muitos outros. Arquitetos, artistas plásticos, fotógrafos, outra vez jovens de talento e grande eferescência intelectual. Não havia uma clara proposta de ensino, estruturada com base em sólidos princípios da pedagogia artística, como na Escolinha. O que havia era o movimento ágil e fecundo de individualidades brilhantes e o contato com estes professores abriu-me perspectivas de uma riqueza enorme. Fui assistente de Sociologia da Arte e trabalhei diretamente com Sergio Ferro, a quem substituí quando ele se afastou, ou melhor, foi afastado pela ignorância da repressão. No curso livre de decoração dei, tremendo, minhas primeiras aulas de história da Arte, que aprendi a conhecer com meu pai. Meu pai, Paulo Ramos Machado, eu vi estudando em casa, escrevendo suas aulas em dezenas de brochuras de papel pardo, sintetizadas depois à máquina em claras fichas de papel branco. O resultado deste estudo, no qual A. Hauser foi o inspirador fundamental, era um conjunto harmônico onde as obras que ele fotografava noites a fio, se encadeavam com sua fala precisa e viva e com as músicas do período estudado. A época se reconstituía a cada aula, através da análise comparativa entre produção musical e obra plástica, apresentando aos alunos uma configuração significativa e múltipla de cada momento da história do homem.

Segui então seus passos, utilizando no início as fichas brancas, os slides e a Obra de Hauser, L. Venturi, Focillon, e tantos outros, como qualquer Freud poderia interpretar. O que Freud não poderia explicar é que este estudo e esta prática foram para mim, mais do que uma questão edipiana, uma questão de método. Intuitivamente, eu estava buscando alicerces para meu trabalho dentro do ensino da Arte.

Ao mesmo tempo no IADE, pude experimentar incursões tanto na pesquisa da aprendizagem intelectual, quanto na aprendizagem artística. Enquanto

estudava história da arte para minhas aulas, eu também me perguntava sobre o método mais adequado para que os adolescentes aprendessem a estudar. Desenvolvi uma pesquisa de leitura de texto e de escrita, já que percebi que eles não conseguiam acompanhar o raciocínio de um autor, muito menos escrever eles mesmos um texto concatenado.

Paralelamente, levei para a escola o então ilustre desconhecido Naum Alves de Souza para dirigir um grupo de alunos que queria fazer teatro. A idéia do teatro surgiu porque eu também fiquei responsável por uma disciplina horrorosa do curso colegial, cujo nome esqueci, mas que seria o equivalente a Estudos dos Problemas Brasileiros. Então eu tratava os conceitos através de encenações e depois que montamos Yerma de Garcia Lorca como parte do programa desta matéria, surgiu nos alunos a paixão pelo teatro.

Depois do IADE, foi o curso de formação de professores de Arte na escola de Fanny Abramovich. Foi bom ter passado um ano de contato com pessoas interessantes, com a personalidade marcante de Fanny. Mas as perguntas mais importantes que eu tinha não foram movimentadas ali. Núcleo eterno da livre expressão, havia mais pedagogia do que Arte, mais barulho do que música, mais estardalhaço do que escola de samba. Fanny é uma pessoa grata, íntegra, avassaladora, viva. Mas aprendi pouco com ela em termos de pensamento sobre o ensino da Arte.

Quando terminei o curso de Ciências Sociais, eu já estava apaixonada pela Antropologia. Resolvi então fazer pós-graduação perseguindo o que só adivinhei muito mais tarde nas palavras de Lévi-Strauss, que li avidamente durante todo o curso: ele dizia na Antropologia Estrutural que entendia por Antropologia um conhecimento do homem que associa diferentes disciplinas e métodos, com o objetivo de nos revelar um dia os impulsos secretos que movem este hóspede presente em nossos debates sem ter sido convidado: o espírito humano.

A moldura humanística da minha formação – no sentido de delimitação e molde – começou a ganhar contornos definidos com a Antropologia. Durante o mestrado sob orientação da Dra. Thekla Hartman do Museu Paulista realizei uma pesquisa sobre desenhos indígenas brasileiros, na qual pretendia discutir a famosa relação entre a produção gráfica dos “povos primitivos” e a produção gráfica da criança ocidental. Quando o núcleo de dissertação já estava pronto, os créditos cumpridos, desisti do trabalho, a partir de uma constatação que hoje considero ter sido rigorosa demais: eu achava que aquela pesquisa não teria utilidade para ninguém. Imaturidade, insegurança, falta de objetivo claro talvez. Ou talvez apenas aquele não fosse ainda o momento, ou a forma adequada para o meu propósito.

O fato é que continuei meu estudo de Arte, desta vez dando aulas de Estética na Faculdade Mosarteum. Outra vez uma experiência estimulante, o desafio de enfrentar adultos universitários. Lembro-me que cheguei no primeiro dia com uma

bibliografia que tinha autores como U. Eco, Francastel e Focillon. Logo no primeiro contato com os alunos, pedi-lhes que rasgassem aquela lista de livros, o que os deixou um tanto espantados. Mas o confronto com a realidade concreta daquelas pessoas, professores de conservatórios musicais com sérias lacunas de conhecimento, tornava aquela bibliografia arrogante e inadequada. Eu precisava aprender como discutir conceitos estéticos sem banalizá-los para que ficassem digeríveis e sem apresentá-los no nível formulado pelos autores, incompreensíveis dentro do repertório daqueles alunos.

Arte-Educação não é um conjunto de técnicas para ensinar arte para crianças, como muitos pensam. Trata-se na verdade de uma estrutura de pensamento, uma rede virtual de combinações cujo propósito é atualizar, em cada situação concreta de aprendizagem, o poder configurador da arte enquanto elemento essencial da experiência humana de desenvolvimento.

Então, à medida que os fatos iam se sucedendo na minha experiência profissional, dando aulas no IADE, na Faculdade Mosarteum, depois na FAAP, na Faculdade Santa Marcelina, na pré-escola CRIE, no primeiro grau do Colégio Rainha da Paz, era sempre esta rede de princípios que aprendi com Ana Mae e com os Arte Educadores que estudei que formava o alicerce e o instrumento fundamental para a atualização criadora de conhecimento que a Arte produz. Num caso eram adolescentes estudantes de decoração, noutra adultos professores de música, noutra estudantes de Artes Plásticas, noutra alunos de primeiro grau. Realidades concretas as mais díspares, mas sempre um denominador comum: para qualquer ser humano, em qualquer idade, em qualquer situação de aprendizagem, a Arte tem uma função fundamental a desempenhar na qualidade da vida dessas pessoas. Isto é muito sério e importante para ser tratado com o descaso e o preconceito que esta área tem merecido dos outros vizinhos do edifício do conhecimento humano.

É preciso estudar e muito, os vários aspectos envolvidos na aprendizagem da Arte e deixar que a curiosidade crie perguntas e mais perguntas a partir da observação de cada grupo de alunos. Rasgar listas de bibliografias e conhecimentos cristalizados, tantas vezes quantas for necessário.

Sem o respaldo de “Arte Educação” eu teria me convertido numa monótona professora de Arte, com minha atenção nos conteúdos que deveria ensinar, alheia ao processo de construção de conhecimento dos alunos. O fundamental que a Arte Educação ensina é que existe uma pedagogia intrínseca à Estética, não existe Arte sem pedagogia da Arte: a produção, a fruição, a crítica da Arte pressupõem todas uma aprendizagem dos elementos que compõem esta forma de comunicação humana, em todas as suas redes de relações.

E é precisamente esta investigação de métodos para estabelecer o contato reflexivo e criador dos alunos com a arte que se constitui no propósito básico da “Arte Educação”.

Lembro-me agora que preciso falar do meu percurso profissional e não escrever um tratado. Retomo então a trilha perdida.

AFASTAR-SE PARA VER MELHOR

Em 1980, por indicação de Ana Mae, concorri a uma bolsa da Fundação Fullbright e passei um ano nos Estados Unidos fazendo mestrado em Educational Theatre na Universidade de Nova York. Outra vez uma grande oportunidade de aprendizado. Menos com o conteúdo do curso e infinitamente mais com a experiência de confronto com outra realidade cultural.

O curso não era bom, o nível dos professores e alunos era bem baixo, mas mesmo assim descobri sozinha textos admiráveis na imensa biblioteca da NYU, fiz vários cursos fora da Universidade e outros fora do meu departamento, até um curso de verão na Inglaterra. Pesquisei arte terapia na área de teatro, elaborei um projeto para um centro de reabilitação de menores abandonados – como a FEBEM – conheci o trabalho de teatro em um hospital para doentes mentais, escrevi duas peças de teatro e participei de um curso de formação de atores. Então os contos tradicionais surgiram no meu caminho.

Já há alguns anos eu utilizava a metáfora literária nos meus cursos. Lembro-me da primeira vez que contei o Espelho de Machado de Assis para meus alunos do colegial do Rainha da Paz: o silêncio presente, os olhos vivos acompanhando as imagens. Era comum também introduzir conceitos de Estética a partir da leitura de poemas e outras peças de literatura. Mas ainda não tinha me dado conta do imenso potencial da narrativa como instrumento de trabalho. Isto aconteceu pela primeira vez nos EUA, quando conheci uma contadora de histórias profissional, minha colega no curso de NYU. Jamais eu ouvira falar que era possível existir tal profissão. A primeira história que contei em público, sem ser em aula, foi na Inglaterra, como parte do estudo da história do teatro organizado no Bretton Hall College of Higher Education. Fizemos um banquete medieval vestidos com roupas de época e cada aluno contava uma história de um livro de Chaucer. Naquele momento pensei que não sobreviveria àquela imensa dificuldade. Foi um verdadeiro rito de passagem, com meu inglês atropelado, com todos aqueles estrangeiros empedernidos me olhando. E deste dia em diante comecei a me tornar uma contadora de histórias.

Voltei para o Brasil em 81 e demorei um certo tempo para reencontrar o meu lugar e organizar a quantidade de idéias, impressões, descobertas e questões que se acotovelavam na minha bagagem fazendo um barulho enorme, chamando a atenção dos guardas de alfândega.

PRIMEIROS ESBOÇOS DE SÍNTESE

As opções profissionais que caminhavam juntas até então, paralelamente seguindo cada uma seu curso independente, embora em constante interlocução, agora pareciam desafinar numa melodia desarmônica. E o conflito entre a atriz e a educadora se acirrou até o limite máximo. Depois da tempestade, a bonança: surgiu uma nova síntese, no céu claro de inverno.

Os primeiros brotos da primavera começaram a nascer na ECA, quando Ana Mae me convidou para participar do Curso de Especialização em Arte Educação que ela acabava de criar. Vocês devem estar pensando: Ana Mae outra vez?

Isto mostra que fadas madrinhas não existem apenas em contos de fadas. O que posso fazer se a minha história apresenta uma indiscutível semelhança com um verdadeiro conto tradicional? Perigos, desafios e de repente numa curva do caminho surge a fada. Mais tropeços e precipícios, outra vez a fada. É assim que o herói chega a cumprir sua tarefa. Há também dragões e espíritos maus, senão não teria graça nenhuma. Ainda bem que eu sei que não é apenas a minha história que é assim, mas a de todos os seres humanos que querem aprender. Não há nada de especial nisso.

O curso de Especialização foi outro marco na história do ensino da Arte no Brasil, concebido pela ampla visão de Ana Mae. Mais uma vez ela cumpriu sua função de abrir trilhas em floresta fechada. Foi o primeiro curso de Especialização da ECA e frutificou em outros criados em seguida, o primeiro deles também com a participação de Ana Mae (especialização em Ação cultural, no qual dei uma disciplina) e o segundo elaborado por Ingrid D. Koudela, de teatro na educação. Foi também uma experiência pioneira na nossa área, única no Brasil daquela época. Recebíamos alunos de vários estados brasileiros, até do exterior (tivemos duas alunas colombianas). O curso funcionava dentro da pós-graduação, com duas optativas por semestre escolhidas pelos alunos entre as disciplinas de pós. Além destas havia uma disciplina obrigatória, a cada ano ministrada por um professor convidado por Ana Mae e um seminário anual que eu coordenava.

Foi neste seminário que pude começar a elaborar a síntese que resultou na minha tese de doutorado.

Dar aulas para professores de Arte das mais variadas procedências e diversos níveis de formação me estimulou a pesquisar caminhos pedagógicos que propiciassem a reflexão e a produção criadora desses professores. Foi então que comecei a utilizar os contos tradicionais como instrumento central do meu trabalho.

Como na história de Fátima, a fiandeira, a tecelã e a construtora de mastros de navio se juntaram para construir uma tenda para o Imperador. O teatro, os conceitos estéticos, a história da Arte, os contos, alquimizados na experiência transformadora da Arte Educação construíram aos poucos, conjuntamente, uma tenda, uma forma para meu

trabalho. A primeira forma clara, estruturada, com possibilidade de se aprofundar em várias direções.

A primeira direção foi o trabalho de formação de professores no curso de especialização, que se estendeu para a graduação quando fui contratada em 84 pelo Departamento de Artes Plásticas para a disciplina Prática de Ensino com estágios supervisionados, até então ministrada por Ana Mae. Este trabalho estendeu-se também nos inúmeros cursos que comecei a dar nas escolas particulares e na rede estadual e municipal de ensino, em São Paulo e em outros estados brasileiros.

Produto e consequência desta direção foi a pesquisa que supervisionei na Escola Miguilim, com o objetivo de implantar dentro do currículo escolar – da pré-escola ao 1o. Grau – um trabalho de Arte Educação através dos contos tradicionais.

É muito comum na pré-escola as professoras contarem histórias para as crianças. Mas em geral não há critérios claros para a escolha das histórias nem princípios que estabeleçam uma metodologia de trabalho para que haja aprendizagem através do conto. O que pensávamos na Escola Miguilim era uma forma de trabalho criador cujo eixo eram as histórias. Cada conto era escolhido de acordo com as características de um grupo de crianças de determinada idade e tinha estreita relação com o modo como estas crianças entendiam o mundo. A história acompanhava o grupo durante algum tempo, possibilitando que as crianças se contassem sua própria história, recriando-a continuamente e descobrindo suas significações, por meio da experiência com o conto.

Uma outra direção apontada por esse trabalho foi a pesquisa terapêutica que realizei durante dois anos com duas psicólogas. Recebemos vários grupos de pacientes que uma vez por semana viviam um processo criador em conjunto, trabalhando um determinado conto; outra vez tinham sessões individuais de terapia com as psicólogas onde trabalhavam o material que emergia nas sessões em que viviam os personagens do conto, configurando suas imagens em desenhos, dança, teatro e composições sonoras.

Outra direção se estabeleceu nas noites de histórias das sextas-feiras, que criei na Escola Miguilim para adultos. Esta experiência foi iniciada a partir de uma carta que recebi de um contador de histórias canadense, que entre outras coisas inventou as mil e uma noites de histórias das sextas-feiras, que existem em Toronto até hoje. Achei a idéia interessante, embora não tivesse certeza se daria certo no Brasil. Adultos costumam imaginar que histórias são para crianças. Era muito interessante observar as pessoas chegando nas nossas noites, algumas desconfiadas, outras um tanto sem graça, outras apenas curiosas, outras para acompanhar alguém. Então elas sempre se surpreendiam ao perceber que ouvir histórias fazia sentido para elas e mais do que isso, lhes proporcionava um verdadeiro momento de fruição estética.

Porque ali não contávamos histórias de fadas do tipo Chapeuzinho Vermelho, mas sim verdadeiras obras da arte narrativa de tempos imemoriais. Contos de diferentes tradições, coloridos com os matizes de cada cultura, mas sempre falando de

aventura humana de conhecer e dar forma ao desconhecido. E o trabalho deu certo, havia uma média de 60 pessoas por noite.

Pude exercitar a arte da narração aumentando meu repertório, desenvolvendo diferentes técnicas e comecei a fazer espetáculos de contos. A característica fundamental deste trabalho é que ele propõe uma releitura da atividade de contar histórias como uma forma de Arte Educação, recuperando os princípios estéticos da Arte narrativa oral e traduzindo sua possibilidade de atuação para a cultura de nossa época. Não se trata de uma busca romântica e sentimental de uma reminiscência do passado, mas de uma atualização criadora que leva em consideração as necessidades e traços culturais do ser humano contemporâneo.

Em 1987 comecei a trabalhar na minha tese de doutorado. Desta vez eu soube desde o início que não abandonaria o projeto, pois tinha clareza da significação que ele tinha na minha vida, como fruto direto e confluência de todos os caminhos de atuação profissional que eu vinha exercendo até então.

Os inúmeros cursos que eu vinha ministrando tanto na ECA como em outras instituições haviam me propiciado um amplo material de reflexão estreitamente vinculada à prática do ensino de Arte. Minha intenção era clara: escrever para os professores de Arte falando de uma fundamentação para seu trabalho, da sua função profissional e apresentando princípios metodológicos para sua formação que levasse em conta suas necessidades e suas características. O núcleo central da tese foi a sistematização, ancorada em princípios antropológicos e estéticos, de um modo de atuar no ensino da Arte através da colaboração interdisciplinar da Arte Educação com o conto da tradição oral.

Em 1988 fui convidada por Paulo Freire para participar da equipe de assessores que deveria orientar a reformulação curricular da rede municipal de ensino. Por mais que estivesse envolvida com a redação de tese, não podia recusar este trabalho.

A equipe de Educação Artística era coordenada por Ana Mae e por mim e depois de passar por várias reestruturações, reduziu-se a um pequeno grupo: Joana Lopes dividia comigo a coordenação do trabalho e junto conosco Rosa Iavelberg, M. Christina Rizzi e Pedro Paulo Salles. Foi a primeira vez que me vi trabalhando em uma equipe que funcionou admiravelmente.

Em 1989 propusemos um projeto que se cumpriu satisfatoriamente sob a hábil condução de Joana Lopes e realizado com rigor profissional e dedicação extrema por Rosa Iavelberg e M. Christina Rizzi, que haviam sido alunas do curso de Especialização em Arte Educação na ECA e que hoje seguem também suas carreiras acadêmicas dentro da USP.

O AMADURECIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO

O ano de 1991 trouxe dois novos desafios para o meu percurso. O primeiro deles foi a reformulação do curso de Especialização em Arte Educação.

Este curso começou a funcionar desvinculado da pós-graduação a partir de 91, estruturado com três disciplinas no primeiro semestre e quatro no segundo. Assumi a coordenação do curso chamando os professores Paulo Portella F^o, Rosa Iavelberg e Maria Christina Rizzi para fazerem parte do corpo docente. Juntos, inicialmente Paulo, Rosa e eu, montamos uma estrutura interligada, visando focalizar em cada curso aspectos específicos da formação do professor de Arte. No primeiro e segundo semestres a disciplina de Paulo Portella trabalhava o percurso criador do professor em artes plásticas; a disciplina de Rosa Iavelberg analisava a prática em sala de aula, tendo como referência teórica básica o construtivismo sócio interacionista de Piaget e Vigotsky. Minha disciplina visava propiciar a cada aluno a experiência de uma síntese criadora relacionando as outras duas disciplinas do curso a uma reflexão e uma experiência de ordenar a compreensão dos fundamentos e da função do seu trabalho. No segundo semestre, havia a disciplina de M. Christina Rizzi abordando o percurso do professor como apreciador de Arte, vinculando-se à prática educativa em museus.

A elaboração do texto da Tese me forneceu elementos para enunciar necessidades básicas dos professores de Arte brasileiros, suas principais carências conceituais e a falta de clareza sobre sua identidade sócio-cultural, em grande parte responsáveis pelo desconhecimento que têm de sua real função. Escrever para esses professores implica antes de mais nada em investigar como se constitui sua visão e seu discurso sobre a natureza do seu trabalho. A partir desses dados busco construir uma FALA que possibilite uma comunicação efetiva com esses professores. O curso de Especialização foi sempre seara privilegiada para essa pesquisa.

Outras reformulações importantes ocorreram na estrutura do curso até 2001. Ao longo de 16 anos, as novas turmas de alunos que chegavam traziam questões instigantes que frutificavam em novas propostas, para cada disciplina em particular e para o curso como um todo. O desenho da proposta inicial foi se transformando e incluindo outros conteúdos. Nos últimos tempos, a disciplina Percurso criador do professor, a cargo de Stela Barbieri, arte educadora, artista plástica e contadora de histórias, tornou-se uma oficina base, em que os alunos exercitavam, durante o ano todo suas habilidades de produção artística. História da Arte, a cargo do prof. Paulo Ramos Machado, foi uma disciplina extremamente bem vinda e apreciada pelos alunos. Não só trazia dados informativos fundamentais como era um exemplo vivo de metodologia artística e estética

porque o professor Paulo é apaixonado pelo que faz e entrega-se de corpo e alma à arte de ensinar.

Completava o desenho a aula de danças tradicionais brasileiras com Tião Carvalho, mestre da cultura popular do Maranhão. Dançando os ritmos brasileiros, com a música viva do atabaque e do violão, das cantigas de roda, a alma do Brasil se fez presente, acordando raízes, movimentando corpos acostumados à mecanicidade das tarefas do dia a dia.

Movimento. Busca da pergunta essencial: o que me faz querer ser professor de arte? O que me move? Contato com informações e desafios relativos às questões de fundamentos, metodologia e conteúdos que formam o quadro de referências do ensino e aprendizagem da arte. A possibilidade da ordenação e articulação pessoal de um caminho de aprendizagem, o encontro e a troca entre vários professores, com suas realidades distintas de trabalho, suas experiências de vida e suas questões, encantos e desencantos. Todos esses ingredientes fizeram do Curso de Especialização, que nos últimos anos se chamava Arte, Cultura e Educação, um terreno fértil de transformação, para todos, equipe de professores e alunos professores.

No início de cada ano, era difícil para os alunos compreenderem que o curso não trazia respostas, mas a possibilidade de aprender a perguntar. Aos poucos, imersos no turbilhão de dúvidas, conquistas, desmoronamento de certezas fúteis, aquisição de habilidades insuspeitadas, iam surgindo pessoas sustentadas pela integridade da busca pessoal de conhecimento.

Em 2002 o curso não aconteceu. É absurdo, porém, um dado de realidade inquestionável, que um curso não possa se realizar porque não haja espaço dentro da USP. Espaço concreto, ideológico, não importa quantos níveis de impedimento tenham se manifestado, o fato é que essa interrupção no fluxo dos acontecimentos é real.

Um ciclo se fechou, um processo inteiro se concluiu. Estamos agora num momento de pausa. Não temos mais salas adequadas para receber os alunos. Teremos outra vez?

A procura pelo curso continua sendo grande, principalmente por aqueles professores que ouviram o testemunho de quem já passou pelo curso e o recomenda vivamente.

Não sabemos quando poderemos retomá-lo e que equipe estará disponível para ministrá-lo. Nem mesmo se será esse, ou outro curso adequado aos novos tempos.

Do que foi, tenho certeza. Um marco, uma oportunidade, uma contribuição. Na vida de todos que dele participaram, a quem tenho enorme gratidão.

Na memória guardo realizações que o curso desencadeou.

Por exemplo, o seminário Reformas e Reparos, proposto pelo curso de Especialização em 1998, trouxe pessoas de diversas áreas para discutir conteúdos fundamentais do ensino da Arte: mesas redondas, oficinas, palestras e trocas de

experiência durante uma semana que contou com uma enorme participação de professores de arte, de São Paulo, de outros estados e do exterior. Rosa Iavelberg, uma das professoras do curso de especialização, apresentou-nos o professor Fernando Hernandez, que veio de Barcelona para o Brasil pela primeira vez (depois ele veio muitas outras vezes) dar uma oficina sobre a formação de professores de arte como parte das atividades do seminário.

Foi um momento de discussão efervescente, de encontro de múltiplos pontos de vista, um verdadeiro espaço de aprendizagem.

Um outro fruto do curso de Especialização foi a proposta que fizemos para a Secretaria Municipal de Educação de Jacareí, no Estado de São Paulo. Um ex aluno do curso nos convidou para uma experiência de formação em sua cidade e durante o ano de 1998 trabalhamos com os professores da rede municipal de Jacareí, a mesma equipe do curso da USP.

Tratava-se de enfrentar uma situação de formação envolvendo uma realidade específica, local. As questões que se apresentaram quando do planejamento do curso envolviam basicamente:

- 1 – O número de professores inscritos, muito maior do que o desejável.
- 2 – O fato de serem professores, na sua maioria, não especialistas, o que colocava a necessidade de trazer conteúdos básicos para professores não familiarizados com a área de Arte.
- 3 – A distribuição das aulas ao longo do ano, com grande distância entre uma e outra, o que nos fazia refletir sobre estratégias que assegurassem a continuidade do curso.
- 4 – As necessidades de compreensão das características sócio-culturais da região, cujas variáveis combinavam o perfil dos professores das escolas e do contexto educacional de Jacareí.
- 5 – O desafio à nossa equipe de atuar “fora de casa”, adaptando suas ações pedagógicas aos recursos locais.

Tratava-se de transpor criadoramente uma idéia de formação para outra realidade, conservando princípios estruturais e inovando estratégias.

A experiência em Jacareí foi útil também para a solidificação dos propósitos que uniam nossa equipe de trabalho.

O princípio básico que orientou o conceito de aprendizagem do curso de Especialização, desde 84, propõe a criação de um espaço interno, pessoal, de disponibilidade para o conhecimento, que requer o abandono paulatino de uma postura condicionada, voltada para a solução de problemas por autoridades de saber.

Para substituir essa postura buscamos orientar os alunos para que se disponham a aprender a descobrir perguntas que direcionem um percurso pessoal de conhecimento.

Aprender a perguntar requer o exercício de condições e recursos internos, sem os quais não é possível aprendizagem significativa e eficaz na mudança de práticas pedagógicas.

Dito de outro modo, os professores chegavam a nosso curso querendo respostas de livros, autores, teorias, métodos e formulações feitas por nós, professores do curso.

O que propomos causa inicialmente um choque, uma espécie de desencontro de expectativas, um susto. As respostas não apenas não chegam com a rapidez desejada, como não vêm de nós que ministramos o curso. É preciso uma preparação, lenta, sem regras aparentes, sem respaldo certo no conhecido, sem a certeza da aprovação exterior. Trata-se de uma preparação lenta, paciente, do aparato pessoal de cada aluno, acordando potencialidades perceptivas, intuitivas, afetivas, durante um processo de reflexão criadora. O grupo de alunos e o tempo desempenham papel importante nesse processo, fortalecendo aos poucos a idéia de um empreendimento comum que acolhe riscos, descobertas, dificuldades e conquistas, diferenças e semelhanças, sempre compartilhadas.

A espinha dorsal do curso estrutura-se portanto não apenas em conteúdos formais que ordenam o objeto de conhecimento da área. Mas privilegia a atualização de recursos internos necessários à experiência de aprender. Para que se proceda uma mudança de posição epistemológica, acompanhada de crescente constituição de uma segurança interna, de um centro interno de avaliação e procedimento.

Durante 16 anos enfrentamos dificuldades, ameaças de fragmentação, conflitos, saltos no escuro, dúvidas e inquietações. Nem tudo o que fizemos foi bom, mas a retidão de nossas intenções e a soma de nossas experiências profissionais pautou-se pelo serviço a um ideal de formação.

O que nos uniu sempre foi a certeza de que a Arte é fundamental para a aprendizagem do ser humano e o fato de dedicarmos nosso trabalho a testemunhar essa certeza no encontro com todos os grupos de professores alunos que chegaram para fazer o curso de especialização na USP.

Por isso encaro com serenidade essa pausa. Mesmo contendo a indignação frente à incompreensão oficial que nos impede de continuar nesse momento. Não sei se o curso deixou de existir para sempre.

Nós, a equipe que realizou esse trabalho, permanecemos. Os professores alunos que dele participaram durante 16 anos, também continuam a atuar nos seus espaços.

A DIFÍCIL ABERTURA DE UM ESPAÇO PARA A ARTE EDUCAÇÃO

O que permanece também é o NACE-NUPAE, Núcleo de apoio à cultura e extensão em benefício da Arte na Educação, criado por Ana Mae Barbosa em 1994, junto com uma equipe de Arte Educadores, dentro de uma proposta da Pró Reitoria de Cultura e Extensão da USP. Inicialmente com sede no MAC, o núcleo sediou-se na ECA a partir de 1996. Desde então a coordenação geral do NACE foi exercida por mim. O objetivo do núcleo é abrigar cursos de formação e projetos de pesquisa na área do ensino da Arte.

Por dificuldades de espaço disponível na ECA, as atividades realizadas restringiram-se ao Curso de Especialização em Arte e Educação e a alguns projetos realizados em parceria com outras instituições. A partir de 99 o NACE passou a oferecer cursos de extensão coordenados por Ana Mae Barbosa.

CARAVANAS DE EXTENSÃO

Como parte de minhas atividades no NACE, além de coordenar o Curso de Especialização e ministrar a disciplina Fundamentos teórico-poéticos do Ensino da Arte até o ano de 2000, realizei os projetos que listo a seguir:

PROJETO CARAVANSERAI – encontro de contadores de histórias. Esse evento fez parte do Projeto Viagens do Instituto Itaú Cultural, em 1998. Com o objetivo de criar um espaço de reflexão, apreciação e prática em torno da Arte de Contar Histórias elaborei um projeto que constou de um conjunto de oficinas, palestras e apresentações artísticas de contos tradicionais para crianças e adultos. O evento contou com a participação de profissionais de São Paulo, de outros estados e também com uma convidada da Inglaterra.

No ano seguinte criei o grupo de contadores de histórias Companhia Palavra Viva, com sede no NACE e hoje com outro nome: GRUPO PÉ DE PALAVRA. Formado por ex alunos de cursos de extensão, esse grupo tem atuado sob minha coordenação em diversas situações culturais.

O primeiro trabalho do grupo foi a realização de oficinas de literatura no Projeto ESCOLA QUE VALE, do CEDAC – Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária – e Fundação Vale do Rio Doce, em 1999 e 2000. O Cedac elaborou um projeto de reestruturação para as escolas sediadas nas regiões de atuação da Cia. Vale do Rio Doce. O primeiro ano de implantação do projeto ofereceu oficinas de teatro, música, dança, fotografia, artes plásticas e literatura para os professores dessas escolas.

Em 1999 e 2000, a equipe por mim coordenada realizou oficinas de contos tradicionais em São Luis, Paraoapebas, Açailândia, João Neiva e Marabá.

Em 2000 esse mesmo grupo fez parte do Projeto A CARAVANA DA CORAGEM, da Associação V Centenário, criada dentro das comemorações dos 500 anos do Brasil. Elaboramos um espetáculo que levou para crianças de cidades do interior de São Paulo, a história dos Bandeirantes. Acompanhados por um grupo de músicos, com cenários e figurinos que faziam referência às raízes africanas, indígenas e portuguesas da história de São Paulo, apresentamos uma visão impregnada de valores culturais brasileiros, ancorada em uma pesquisa histórica bastante detalhada.

Nesse mesmo ano de 2000 a Companhia Palavra Viva realizou espetáculos nas estações Vila Madalena e República do Metrô de São Paulo, dentro do Projeto Vozes e Olhares. Como resultado de uma pesquisa de contos tradicionais brasileiros e da formação que tivemos com a etnomusicóloga Lydia Hortélio, de Salvador, criamos o espetáculo: O papagaio, o segredo, o boi e o macaco. Contos e cantos tradicionais do Brasil. Os contos foram retirados das obras do folclorista L. da Câmara Cascudo e os cantos eram cantigas de mulheres da localidade de Serrinha, na Bahia, pesquisados por Lydia Hortélio. O mesmo espetáculo, depois rebatizado com o nome de ACORDAIS, foi apresentado posteriormente em eventos culturais, no Teatro Escola Brincante, na escola Nau de Ícaros e na escola Vera Cruz.

Dentro do Projeto Palavra em Movimento, do Sesc Vila Mariana, integrantes da Companhia Palavra Viva fizeram apresentações de contos para crianças aos domingos de manhã. Foi uma oportunidade para que cada contador de histórias criasse sozinho um trabalho de narração, que envolvia a escolha do repertório, os músicos convidados, o cenário, figurino e objetos de cena. Pude observar no conjunto criado por cada um deles, que a aprendizagem de conceitos e princípios estava lá, concretizada como fruto infinitamente mais belo do que o que tinham aprendido comigo. Pude reconhecer, com satisfação, uma proposta estética definida, característica de uma determinada visão da arte de contar histórias, que procuro explicitar para meus alunos. O que me deixou muito feliz foi observar que cada um deles pode criar seus espaços e estilo de narração próprios, a partir de uma referência conceitual clara, ampliando e multiplicando possibilidades apenas apontadas nos cursos e na formação continuada que fazem comigo.

Em 2001 elaborei um Encontro Internacional de Contadores de Histórias que foi realizado pela nossa equipe de contadores de histórias e coordenado por mim numa parceria do Nace com o Sesc Vila Mariana. O evento BOCA DO CÉU foi bem maior que o evento Caravanserai e foi estruturado como um projeto de Arte e Educação estabelecendo três eixos de atividades centradas na Proposta Triangular para o Ensino da Arte:

COM A MÃO NA MASSA – atividades de produção – nove oficinas para professores e contadores de histórias.

SEPARANDO OS GRÃOS – atividades de reflexão – palestras, aulas espetáculos e duas mesas-redondas, focalizando diversos aspectos das narrativas tradicionais, ligados à música, teatro, literatura e cultura infantil.

O GOSTO DOS PÃES – atividades de apreciação da arte narrativa – 15 espetáculos de narração de contos.

Contamos com a participação de contadores de histórias de Florianópolis, Belo Horizonte, Condisburgo e Rio de Janeiro e também de Toronto – Canadá, Segovia – Espanha e Londres – Inglaterra.

Autores como Ricardo Azevedo, Heloisa Prieto e Tatiana Belinky de São Paulo, também estiveram presentes, assim como o compositor pernambucano Antonio Madureira e a etnomusicóloga baiana Lydia Hortélio.

Foi um momento de muita efervescência e grande participação do público de professores, contadores de histórias, crianças e demais pessoas que acorreram aos espetáculos criando um espaço frutífero de trocas de experiências, discussão de conteúdos e técnicas narrativas e belos instantes de fruição estética.

Ainda dentro da pesquisa sobre a arte narrativa tenho realizado uma experiência docente de cursos de extensão sobre a arte de contar histórias, oferecidos como parte das atividades do Nace e também em outras localidades, dentro e fora da USP. No Nace, essas oficinas são realizadas regularmente uma ou duas vezes por ano, para professores e comunidade em geral.

De 1996 até 2000 participei do Curso Brincante para educadores, criado por M. Amélia Pereira, Lydia Hortélio e Antonio Nóbrega e realizado no Teatro Escola Brincante.

A importância dessa iniciativa é ímpar no cenário educativo da cidade de São Paulo. As disciplinas do curso têm como objetivo instrumentar os professores para uma consciência e prática viva das raízes culturais brasileiras. Em contato com cantigas tradicionais, com o brinquedo popular, com as histórias, lendas e danças de diferentes regiões do Brasil, os professores aprendem a conhecer a alma do nosso país, bastante ausente na maioria das escolas.

Esse movimento felizmente está crescendo. Hoje há inúmeros trabalhos do terceiro setor, bem como equipes pedagógicas dentro de escolas públicas e particulares que apresentam às crianças e à comunidade traços característicos da nossa cultura popular, não como folclore, mas como elemento vivificador da consciência brasileira. Além disso, muitos jovens da classe média de São Paulo e também de outros estados têm procurado aproximar-se dos ritmos do norte e nordeste, aprendendo danças populares e tocando instrumentos que povoam as festas e folguedos tradicionais. Um exemplo marcante é a criação do grupo de percussionistas ZABUMBAU, coordenado por Antonio Nóbrega e formado por jovens.

Como trabalho de responsabilidade social, há a importante iniciativa da Ação Social da empresa Natura Cosméticos, que criou o grupo de Contadores de Histórias de funcionários da empresa, atuando em creches e outras instituições. Desde 1998, tenho assessorado e oferecido oficinas de formação para esses contadores cujo número vem crescendo a cada ano.

Desde que iniciei a pesquisa desse imenso material das narrativas tradicionais acostumei-me a seguir direções que as histórias me apontam, por mais surpreendentes e desafiadoras que se apresentem.

DESDOBRAMENTOS E DESBRAVAMENTOS

Foi com grande surpresa que recebi, em 1998, o convite do prof. Lindolfo Galvão de Albuquerque, então coordenador do Programa MBA – Recursos Humanos – da FEA-FIA/USP, para dar um módulo do curso, cujo título era: Análise Organizacional na Ótica de uma Contadora de Histórias. Depois dessa primeira experiência, tenho participado de todas as turmas até esse ano de 2002, onde acabo de dar a minha aula para a décima turma do MBA. Abro um parêntesis para uma observação: É interessante notar que minha pesquisa tem sido valorizada e reconhecida dentro da USP, não pelos artistas ou educadores, mas sim pelos responsáveis por programas de formação para empresas.

Como excessão, lembro-me de ter sido convidada pelo Prof. Dr. Alfredo Bosi para apresentar meu trabalho para um grupo de pesquisadores do Instituto de Estudos Avançados da USP.

E também de ter participado de alguns cursos de literatura para professores coordenados pela Profa. Dra. Nelly Novaes Coelho, por quem tenho grande admiração. A Profa. Nelly é um exemplo de luta constante e inestimável contribuição à literatura infantil dentro da Universidade.

Durante anos investiu bravamente contra o preconceito oficial que considera a literatura infantil como expressão menor. Ela conseguiu formar muitos professores, organizar simpósios e publicar livros importantes na USP e fora da USP, nas bienais do Livro e outras situações, levando a diversas localidades do Brasil seu trabalho sério e consequente em favor da boa literatura para crianças e adolescentes.

Na FEA participei também de outros programas coordenados pela Profa. Dra. Marisa Eboli para as empresas Itaipu Binacional, Avon Cosméticos e EMTU Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos.

O contato com o mundo empresarial foi inesperado, mas abriu uma vertente fecunda para a pesquisa da Arte Narrativa em um ambiente completamente diferente do universo acadêmico. Aproximei-me inicialmente com curiosidade e cautela. Perguntava-me sobre que benefícios os contos tradicionais poderiam proporcionar a pessoas guiadas pela produtividade e ritmo mecânico de trabalho. Aos poucos fui

descobrir o poder das metáforas e dos ensinamentos das narrativas tradicionais atuando sobre as pessoas de gerentes, diretores, secretárias e outros segmentos dentro das empresas. A atuação dos contos situa-se na perspectiva transformadora que trazem para a qualidade das relações humanas dentro do ambiente de trabalho. Dentro dessa perspectiva está também a possibilidade de descoberta de recursos internos de aprendizagem para se lidar com questões emergentes no trabalho de equipe, de liderança, de solução de problemas, de competitividade, de mudança que fazem parte do dia a dia das Organizações. Visitei inúmeros programas de desenvolvimento, dentro das empresas e também participando como palestrante em cursos a convite da Fundação Dom Cabral de Belo Horizonte, por exemplo. Formada por professores que deixaram a Universidade para integrá-la, essa Fundação se dedica a criar cursos de formação para executivos e tem atuado no Brasil todo com grande reconhecimento pela excelência de suas propostas de ensino. Participei de alguns programas, dos quais resalto o PDE – Programa para o Desenvolvimento Empresarial e o GPM – Gestão de Pessoas e Mudanças.

Em todas as situações que envolvem público empresarial tenho presenciado um certo movimento dos participantes com relação às narrativas tradicionais:

Em primeiro lugar surge a resistência natural diante de uma proposta totalmente desconhecida. Mesmo que em vários países do mundo haja iniciativas de pesquisa e utilização de histórias dentro das empresas, no Brasil não conheço nenhum trabalho sistemático nesse sentido. Quando entram numa sala preparada com um cenário de apresentação artística os participantes de um programa de desenvolvimento estranham muito. À medida que ouvem as histórias que relato, acompanhadas pela música ao vivo de Flávio Alarsa, o músico que trabalha comigo, o movimento inicial de resistência se transforma em apreciação estética.

Em geral, no fim de uma apresentação, as pessoas estão em outra posição e muitas vezes agradecem. A maioria dos participantes consegue fazer relações das metáforas trazidas pelos contos com os conteúdos do programa do qual estão fazendo parte e relatam uma experiência de introspecção valorosa, na qual se detêm para visitar aspectos importantes de sua vida pessoal e profissional.

As questões que essa vertente de pesquisa tem apresentado para a continuidade do meu trabalho de Arte Narrativa relacionada à aprendizagem humana são instigantes e focalizam principalmente:

- A busca de metáforas apropriadas aos conteúdos tratados nos programas de desenvolvimento empresarial.
- A observação e análise desse contexto.
- A busca de uma forma de narrar que dialogue com as pessoas que vivem e trabalham nesse contexto.
- A investigação de propostas e recursos técnicos para ampliar a ação dos contos tradicionais dentro desse universo.

Analisando essa vertente, vejo que ela se deu como decorrência de uma pesquisa iniciada sistematicamente após meu regresso dos EUA em 1981 quando optei pelo estudo e prática da Arte de Contar Histórias aliados à experiência docente.

EIXOS DA PESQUISA ACADÊMICA

Desde então, tendo como quadro de referências conceituais os princípios que fundamentam o ensino e aprendizagem da Arte em geral e as características da narrativa tradicional em particular, desenvolvi minha pesquisa acadêmica dentro de dois eixos complementares.

O primeiro eixo diz respeito ao universo pedagógico de trabalho com contos de tradição oral. Na atividade de formação de professores de arte, as questões focalizam o conto enquanto instrumento metodológico para aquisição de conteúdos relativos à prática educacional na área artística.

O segundo eixo trata da arte narrativa propriamente dita. Nesse trabalho, concretizado em apresentações artísticas ou sessões de narração de contos para adultos e crianças, as questões apontam para a função, o efeito e as técnicas da arte de contar histórias no mundo contemporâneo: dizem respeito ao instante de narrar como forma e conteúdo, envolvendo os vários modos e recursos técnicos de narração, bem como os efeitos sobre a audiência.

Nessa pesquisa busco estabelecer relações entre as narrativas e a aprendizagem. A hipótese de trabalho é a de que o instante da narração propicia uma experiência de escuta que se dá como conjunção entre, de um lado, o universo atemporal do imaginário humano, e, de outro, o universo subjetivo que atualiza a narrativa universal como história particular do sujeito que a escuta. Os dois eixos, cujas atividades se realizam na docência e na prática artística, são fontes intercruzadas de conhecimento, formando uma rede de relações em planos diversos de realidade.

Assim, nos cursos de formação, cujo exemplo guia é o Curso de Especialização em Arte e Educação relatado anteriormente, o conto tradicional conduz a experiência dos professores na investigação de sua própria história como recurso para sua aprendizagem.

A AÇÃO ARTÍSTICA DE CONTAR HISTÓRIAS

Esse trabalho estrutura-se a partir de uma pesquisa bibliográfica constante (leitura e tradução de textos) e de questões suscitadas pela arte de narrar, exercitada sistematicamente desde 1984.

Cada apresentação artística contém uma média de sete histórias encadeadas segundo critérios como ritmo do conjunto, peculiaridades estilísticas e culturas de origem. Os núcleos temáticos de cada sequência de contos variam bastante seguindo os caminhos da pesquisa e circunstâncias que se apresentam. Cito alguns exemplos realizados: Contos de mulheres sábias, contos de amor, contos de fidelidade, contos da terra do meio, contos ao pé da lareira, árvores de vida. Muitas apresentações reuniram histórias oriundas de diversas culturas: contos da Índia, da Espanha, árabes, japoneses, chineses, brasileiros, de índios norte-americanos, do ciclo do rei Arthur e assim por diante. Em cada apresentação convidei músicos diferentes para acompanhar as histórias, tocando instrumentos variados como cítara, alaúde, violino, flautas, calimbas, instrumentos de percussão, entre outros.

Com relação à arte de contar, estudei e experimentei os seguintes pontos:

- repertório
- função do contador de histórias
- técnicas – diversas formas de narrar, incluindo variações de estilo e recursos utilizados.

Com relação às ressonâncias e repercussões – o efeito – dessa atividade, elaborei um quadro de itens a serem observados (ver quadro anexo) que incluíram:

- Características das pessoas que formavam os públicos de ouvintes.
- Atenção e reações do público.
- Falas das pessoas após as apresentações.
- Análise posterior à cada apresentação.

Minhas perguntas investigavam:

- O efeito dos contos sobre adultos habituados a considerá-los literatura para crianças.
- A adequação dessa arte milenar ao mundo de hoje
- As distinções e semelhanças entre um espetáculo de narração e um espetáculo teatral
- Que recursos podem compor essa arte como forma estética incluindo desde a escolha do repertório até as diversas formas de narrar – utilização da voz, gestos, climas, cenário, figurino, objetos, música e iluminação.

O percurso que tenho desenvolvido como contadora de histórias é fruto de um princípio que alicerça também o trabalho pedagógico com professores de arte. Acredito que o professor de arte precisa trilhar uma atividade artística para poder realizar plenamente sua prática educativa. Ele precisa ter a experiência criadora da produção de formas artísticas, descobrindo passo a passo as questões de formatividade próprias a essa ação. Pela vivência do *modus fasciendi* da prática artística, pode compreender por dentro seu objeto de estudo: a curiosidade, o risco de experimentar, o exercício da percepção, as diferentes qualidades de *insights*, as dificuldades, dúvidas, paralizações, obras inacabadas,

tudo isso faz parte da produção artística. Sem ter contato com essa experiência, como o professor de arte pode trabalhar com seus alunos?

Contando histórias tenho experimentado todas essas questões, vivendo a narração como prática criadora, o que tem contribuído verdadeiramente para minha compreensão do universo da Arte.

A CRIAÇÃO DE SESSÕES DE CONTOS PARA ADULTOS

Uma primeira observação importante sobre este trabalho ao longo dos anos diz respeito ao aumento significativo do número de pessoas que procuram as noites de histórias. As primeiras apresentações, numa escola particular que hoje nem existe mais, contavam com uma média de 30 a 40 pessoas, entre professores da escola, pais de alunos e alguns convidados. À medida em que o tempo foi passando, este número cresceu muito. Hoje é possível haver mais de 100 pessoas numa apresentação, se o espaço for suficientemente grande.

Esta atividade nunca foi divulgada sistematicamente, a não ser quando fui entrevistada por jornais, revistas e programas de rádio e TV, por iniciativa destes veículos da imprensa. Pode-se dizer que as noites de contos divulgaram-se a si mesmas, principalmente porque as pessoas que assistiam chamavam outras para as noites seguintes e assim por diante. Hoje, fico impressionada com a quantidade de pessoas que conhece este trabalho, e que constantemente procuram as livrarias para saber de novas apresentações, sem contar as que me procuram para participar das noites porque “ouviram falar”.

Então, de um lado, aumentou o número de pessoas e de outro, houve uma grande diversificação do tipo de público. Percebi que diferentes segmentos profissionais começaram a interessar-se pelo trabalho chegando até mesmo aos treinamentos de grandes empresas. Fiz apresentações para diferentes faixas etárias, às vezes em sessões exclusivas para: Adolescentes (Livraria Spiro e Associação Dasein Análise), Idosos (Centro Cultural São Paulo, curso para a 3a. idade) e é claro, adultos e crianças. Descobri que as histórias faziam sentido para todas as idades.

Sem dúvida os repertórios foram montados levando em consideração se eram crianças (o tempo da apresentação tem que ser menor, por exemplo) ou adolescentes, mas algumas histórias foram ouvidas com interesse tanto por jovens quanto por pessoas idosas.

Com relação à diversidade de público, tive contato com segmentos específicos como: funcionários do Hotel Glória no Rio de Janeiro, gerentes da Gessy Lever, funcionários da Agência de Publicidade Norton, professores e alunos da Escola de Enfermagem da USP, psicólogos, bibliotecárias, professores. Nas apresentações em

livrarias o público era diversificado e havia todo tipo de profissões, em geral um número equivalente de homens e mulheres.

Pude constatar na prática a idéia difundida nas obras que li, a respeito da universalidade deste material. As histórias falam ao ser humano, independente de sua idade. Pensei também que uma possível explicação para a enorme procura deste trabalho deve-se à necessidade que as pessoas têm no mundo de hoje de experiências de qualidade estética. Utilizo esta palavra estética, aqui, no sentido Deweyano, de completude de uma experiência verdadeiramente humana. Estamos habituados ao contato diário com uma quantidade cada vez maior de imagens em geral estereotipadas onde a qualidade da experiência nem sempre está presente. Ouvir histórias milenares propicia um momento único de contato com imagens internas genuínas, despertadas pelas imagens do relato do conto tradicional, que falam da universalidade do ser humano. Acredito que as pessoas se surpreendam inicialmente (como muitas falam no final das apresentações) com o que acontece com elas enquanto ouvem uma história: a perplexidade, o estranhamento inicial se transformam em uma entrega às vezes maior, às vezes menor, para o universo imaginário do Era uma vez... Neste âmbito, experimentam lembranças, surpresas, perguntas, descobertas, deleite, humor, suspense, sentimentos os mais variados, numa experiência inexplicável de estar dentro da história. Muitos relatam que são os personagens, outros que vêem o desenrolar da narrativa como numa tela, outros gostariam de mudar o final da história, outros ainda inventam possibilidades de continuidade enquanto estão ouvindo. De qualquer forma, no final de uma apresentação as pessoas dizem que algo se transformou nelas, sentem-se agradecidas e querem ouvir mais.

Parece que de fato os contos tradicionais atravessam a história e cumprem uma função mesmo fora do contexto em que foram criados. W. Benjamin escreveu um belo ensaio sobre o narrador. Apesar de sua análise correta sobre a passagem da sociedade tradicional para a industrial, devo dizer que parece que ele estaria equivocado quando diz que a função do contador de histórias tende a desaparecer no mundo de hoje. Minha atividade provou o contrário. O crescimento da procura das sessões de contos não obedece às leis da mídia: não foi imposto às pessoas como uma necessidade de mercado, as pessoas não buscam este trabalho como estão acostumadas a procurar “o tênis da moda”, obrigatório, veiculado pelos meios de comunicação. Ao contrário, esta atividade se desenrolou nos bastidores do mercado, em silêncio, sem divulgação. Parece que foi uma necessidade interna das pessoas que determinou a disseminação dos contos, uma necessidade de significação.

Com relação ao aspecto técnico que envolve diferentes formas de narrar, reuni um número considerável de observações, pois minhas experiências foram variadas e minha pesquisa foi intensa neste aspecto. Pude diferenciar a arte de narrar com relação à arte teatral, evidenciando até agora os recursos específicos da narração e propondo como questão a ser investigada mais profundamente aquela que diz respeito às possibilidades de

combinação entre estas duas formas artísticas. Ou seja, percebi pela experiência no que elas são diferentes, mas também entendi que é possível utilizar recursos teatrais na narração, como luz, diálogos, caracterização de personagens e que ainda há muito para descobrir.

O material de pesquisa que reuni concretamente tem sido muito útil na prática pedagógica que desenvolvo com meus alunos, sendo possível levar até eles a experiência que venho tendo, na forma de apresentação de recursos variados que inventei, como por exemplo a utilização de brinquedos transformados em vez de fantoches nas apresentações para crianças. Cada recurso apresentado aos professores é, ao mesmo tempo, um exemplo concreto de um princípio teórico do trabalho. Neste exemplo do “brinquedo transformado” o princípio diz respeito à função do trabalho imaginativo dentro da proposta de narração. Se a raposa da história é representada pelo brinquedo “tanque dos comandos em ação” colocado em pé e “virando personagem”, isto permite que a criança tenha, ao mesmo tempo, um reconhecimento e um estranhamento do seu brinquedo. É uma proposta de flexibilidade frente ao universo conhecido, que nutre e incentiva sua habilidade imaginativa. Ao contrário, um boneco de raposa, com cara, olhos, nariz e boca, apresenta-lhe um personagem pronto e acabado, uma forma definida de raposa que não a desafia e além disso não propicia que ela entre em contato com sua possibilidade de ver sua imagem própria desse animal dentro do conto. O brinquedo transformado sugere, intriga, diverte, desconcerta e instiga a imaginação criadora.

QUADRO A SER PREENCHIDO DEPOIS DE CADA APRESENTAÇÃO:

Data

Local

Nº de pessoas

Média de idade

Proporção de homens e mulheres

Presença de crianças

Título da apresentação (temática ou não)

Duração

Recursos utilizados

Clima de receptividade: ótimo, bom, médio, ruim

Fala das pessoas depois da apresentação

Observações gerais sobre a apresentação

O que funcionou

O que não funcionou

O que aprendi

Foco trabalhado (atenção no público, concentração, experiências novas de narração)

EXEMPLO DE QUADRO PREENCHIDO:

Data: Março/93

Local: Livraria Spiro

Nº de pessoas: ± 60

Média de idade: maior número de pessoas de mais de 30 anos – a alguns jovens até ± 25 anos

Proporção de homens e mulheres: quase equivalente. Maior número de mulheres

Presença de crianças: 2 de ± 12 anos

Título da apresentação (temática ou não): Contos de índios Norte Americanos

Duração: 1:30 h.

Recursos utilizados: elementos de performance teatral. Trabalho realizado com ator J. Pierre Kaletrianos. Instrumentos: violino, percussão, objetos, címbalos e fósforos

Clima de receptividade: bom. Alguns estranharam inovação da proposta

Fala das pessoas depois da apresentação:

“Não entendi porque não usaram música indígena”

“É estranho ouvir Bach com contos indígenas”

“Achei muito interessante a composição de um material indígena tratado de forma contemporânea”.

“Gostei muito da história contada completamente no escuro”

“A música combinava muito bem com as histórias, porque tinha o mesmo espírito”

O que funcionou: a proposta de desvincular o conteúdo das histórias da música tradicional indígena. Contar uma história no escuro. O contraponto de gestos do ator. O contraste entre peças de música ocidental e o universo indígena.

O que não funcionou: A história do corvo e da lua era fraca perto das outras, teve pouco impacto. O ritmo da primeira parte não estava equilibrado com o da segunda. A proposta arrojada dos fósforos queimados. As caixas desembulhadas durante uma história tirou o foco de atenção da narração de forma prejudicial.

O que aprendi: é um desafio muito grande propor uma ação de performance, linguagem cênica contemporânea junto com a narrativa tradicional. É preciso pesquisar muito, encontrar a síntese perfeita.

Direção: trabalhar a síntese gestual.

A PRODUÇÃO DOS LIVROS PARA CRIANÇAS

Tendo reunido uma grande quantidade de contos tradicionais, comecei a trabalhar num projeto de reescrita de histórias para crianças, com o objetivo de levar ao

público infantil um repertório praticamente desconhecido, de grande poder simbólico e rara beleza.

Desde 1996 fui selecionando material para várias coletâneas, que ao mesmo tempo utilizava nas sessões de contar histórias em escolas e instituições como o Sesc, por exemplo. O esboço do primeiro livro continha algumas histórias de ensinamento da tradição árabe, sintéticas por natureza, utilizadas em geral por mestres para a aprendizagem de seus discípulos. Iniciei o trabalho de recontá-los buscando uma linguagem que pudesse se comunicar com o universo imaginário de crianças do ensino fundamental, na faixa entre 8 e 12 anos, principalmente.

A primeira história, só para exemplificar, é um clássico da tradição sufi e encontra-se nos textos de vários mestres, com variações, mas é sempre muito curta, tendo no máximo dois parágrafos.

As formigas e a pluma, metáfora dos modos de conhecimento humano, ganhou na minha versão maior fluência, detalhes, nomes de personagens e estilo bem humorado e divertido, procurando dialogar com as crianças. O título do livro, publicado pela Cia das Letrinhas em 1998, é A FORMIGA AURÉLIA e outros jeitos de ver o mundo. No próprio título está contida a idéia espinha dorsal da coletânea: a seleção de contos que falam da percepção de diferentes pontos de vista.

Tive grande alegria e honra em ter como ilustradora a artista mineira Angela Lago, internacionalmente reconhecida como uma excelente produtora de imagens significativas em livros para crianças. Segundo meu ponto de vista Angela Lago é a artista que melhor compreende a alma das crianças brasileiras e seu trajeto de pesquisa é impecável: sua carreira é longa, sua obra vive em constante mutação, seu desenho é ágil, expressivo, com boa dose de humor, delicadeza e profundidade estética. Por seu trabalho na Formiga Aurélia, Angela Lago ganhou o prêmio Adolfo Aizen pelo projeto gráfico do livro, em setembro de 2000. Além disso, é detentora de vários prêmios Jabuti ao longo de sua carreira.

A Formiga Aurélia ficou entre os nove finalistas do Prêmio Jabuti, na categoria melhor livro infantil do ano de 1998 e em 2001 fez parte do programa nacional do livro didático, do MEC e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Continuando a parceria com Angela Lago, publiquei em 2000 o livro Nasrudin, também pela Cia das Letrinhas. Esse trabalho seguiu o mesmo eixo do anterior, com o objetivo centrado na flexibilidade perceptiva. A intenção foi a de apresentar às crianças brasileiras um personagem da cultura popular da Ásia Central, protagonista de uma infinidade de histórias que circulam pelo mundo todo. O Mullá Nasrudin tem um certo parentesco com o nosso Pedro Malasartes pela astúcia e humor que caracterizam seus contos. Trata-se na verdade de histórias chamadas de ensinamento, porque propõem uma guinada no pensamento habitual, nos modos conhecidos de resolver problemas e perceber situações. Nesse livro, selecionei alguns contos de Nasrudin e elaborei uma

história moldura na qual foram introduzidos. A história moldura é um procedimento típico da literatura tradicional do oriente, constando em muitas coletâneas que remontam à Índia milenar e da qual as Mil e Uma Noites é o exemplo mais conhecido.

Fechando uma espécie de “trilogia” em torno da percepção, escrevi um último livro que significa também uma decorrência natural de um procedimento de escrita. No primeiro livro apenas recontei histórias, respeitando sua estrutura e sequência narrativa. Trabalhei linguagem e estilo. No segundo livro criei uma história moldura exterior à estrutura tradicional, na qual incluí narrativas tradicionais. No terceiro aventurei-me por criar uma história de minha autoria, na qual, como não poderia deixar de ser, inseri contos tradicionais sendo relatados por personagens do livro. Ainda com o título provisório de: O QUE OS CAMELOS COMEM?, está em fase final de elaboração.

Escrevi esse livro durante o mês de janeiro de 2002, em Itaparica, Bahia, quando permaneci na Quinta Pitanga, sede da Fundação Sacatar, instituição americana que me conferiu uma bolsa residência para execução do meu projeto.

A Fundação Sacatar tem como objetivo dar suporte ao trabalho de artistas nas áreas de artes visuais e literatura, oferecendo residência por períodos que vão de seis semanas a três meses na sua sede brasileira em Itaparica. Entre 72 projetos avaliados, foram escolhidos para o período de início de 2002, os de uma artista americana, um artista canadense, um poeta mexicano e uma escritora italiana. Fui a única brasileira a participar do programa nessa turma.

Como um dos propósitos da Fundação é a inclusão da comunidade de Itaparica nos projetos de residência, tive a oportunidade não só de trocar experiências com artistas de outras partes do mundo, como também de atuar junto com eles em propostas que incluíam crianças e adolescentes locais. Pude contar histórias para grupos infantis e contar com a participação de trabalhadores da Quinta durante uma sessão de contos. Numa tarde memorável, reunidos embaixo de uma castanheira centenária, as cozinheiras, os jardineiros e o encarregado geral da Quinta, cantaram, dançaram e tocaram atabaques e agogôs, acompanhando as palavras do conto popular brasileiro que relatei para a comunidade de crianças e adultos, presente na festa de celebração final de nossos trabalhos.

Nesse ano de 2002 realizei também uma coletânea que está em fase de publicação pela Cia das Letrinhas, cujo título é O VIOLINO MÁGICO e outras histórias de mulheres sábias. São contos de personagens femininas de diferentes culturas do mundo, confrontadas com situações de difícil solução, para as quais apresentam formulações inusitadas. Em cada caso, humor, perseverança, sagacidade, amor, magia e mistério, alternam-se em narrativas extremamente belas, cujo simbolismo aponta para a ação do princípio feminino nos desafios da vida.

A PRODUÇÃO DO LIVRO SOBRE A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

O texto que apresento à Livre Docência é uma síntese teórico poética da ação investigativa sobre a aprendizagem da arte narrativa que tenho desenvolvido dentro e fora da Universidade desde 1984. Esse trabalho é fruto do contato com professores, alunos, públicos de crianças e adultos e contadores de histórias aos quais agradeço todas as oportunidades que me proporcionaram ao longo de tantos anos.

Na escrita desse texto procurei exercitar os princípios que orientam minha prática educadora e artística. Como se estivesse fazendo uma lição de casa do mesmo tipo da que costumo propor para os professores que fazem o Curso de Especialização em Arte e Educação. A disciplina sob minha responsabilidade tem o nome, como já disse, de Fundamentos teórico poéticos do ensino da Arte. Durante o ano os professores exercitam-se de diversas maneiras para realizar ao final do curso um trabalho com base no título: Meus fundamentos teórico poéticos para o ensino da Arte. Aos poucos eles compreendem que estou pedindo um texto pessoal, que tenha ao mesmo tempo rigor e poesia, lógica e divagação, discurso verbal articulado a imagens artísticas, o feijão e o sonho, como no título feliz do romance de Orígenes Lessa.

Experimentando o remédio para poder dá-lo ao paciente, organizei o texto em uma sequência definida de pensamento: no primeiro capítulo há uma reflexão inicial sobre a importância da arte de contar histórias no mundo de hoje a partir de um determinado ponto de vista. Depois segui explorando as perguntas, pressupostos e relações decorrentes dessa primeira formulação.

Assim, ao estabelecer uma função cultural, social e educativa para a arte da narração, passei a indagar de que modo professores e contadores de histórias poderiam preparar-se para que essa função se realize da melhor forma possível. O segundo, terceiro e quarto capítulos do texto tratam dos recursos internos e externos a serem exercitados durante o processo de aprender a contar histórias.

Em seguida, o quinto capítulo traz informações a respeito dos autores que pensaram sobre a arte narrativa tradicional, em termos de suas origens, difusão e possíveis funções dessa arte nos tempos e lugares das diferentes culturas humanas.

O sexto capítulo focaliza a utilização pedagógica dos contos tradicionais, por meio da análise de uma proposta brasileira. Trata-se também de uma espécie de homenagem ao grande educador, pesquisador, escritor e contador de histórias Julio Cesar de Mello e Souza, que entre muitas outras coisas mirabolantes, inventou para si mesmo o nome de Malba Tahan.

Sempre achei fascinante a misteriosa história pessoal desse também personagem da literatura brasileira. Digo também porque para muitos Malba Tahan era o

nome de uma pessoa real, de origem árabe, cujas obras teriam sido traduzidas para o português. O homem que calculava, seu livro mais famoso, parece que foi bastante utilizado nas escolas por professores de matemática, mas hoje acredito que em geral é considerado “coisa do passado”, com a conotação perniciosa de “fora de moda”.

Penso que talvez nunca se tenha dado a esse autor a devida importância. Depois de sua morte seu nome ficou envolto em uma atmosfera exótica, quase “folclórica”, como se ele tivesse sido um homem excêntrico, meio maluco, que escreveu um livro genial para ensinar matemática por meio de histórias árabes, que foi traduzido e adotado em escolas de várias partes do mundo.

Não são muitas as pessoas que sabem que Malba Tahan deixou uma obra extensa de mais de cem livros, que inclui um dicionário de pesos e medidas e vários textos manuscritos nunca publicados. Também se desconhece que suas palestras encantavam platéias lotadas de professoras e que seu gênio inventivo passeava pela ciência matemática, pela filosofia, pela língua e cultura árabes, pelos contos maravilhosos e por mais outros tantos assuntos que sua curiosidade lhe indicasse.

Pedro Paulo Salles, professor do Departamento de Música da ECA USP e sobrinho neto de Malba Tahan conta assim a divertida história desse nome:

“Tudo aconteceu porque ele tentou publicar uns contos num jornal, mas não conseguiu porque não era nem famoso, nem estrangeiro. Aí ele inventou o nome de R. S. Slade. Depois levou os mesmos contos para o editor do jornal, só que assinados com o nome falso, e disse:

- “Traduzi uns contos desse fabuloso escritor americano. Dê uma olhada.”

O primeiro conto foi publicado no dia seguinte, na primeira página do jornal.

-“Ora bolas, - ele pensou - então vou usar sempre um nome estrangeiro”.

Dito e feito. E escolheu Malba Tahan porque adorava histórias árabes”.

É indiscutível que Malba Tahan sabia como fazer os alunos aprenderem matemática por meio de narrativas. Os professores e contadores de histórias podem aprender muito com ele, por isso julguei oportuno falar de sua contribuição. Após apresentar variados autores, termino meu trabalho com um exemplo genuinamente brasileiro, mostrando uma abordagem que concretiza magnificamente uma possibilidade teórica apontada anteriormente nos outros capítulos.

O conjunto do texto desse trabalho é uma narrativa do que se pode aprender a aprender sobre a arte de contar histórias, um relato do meu próprio aprendizado. O modo de contar vale-se de metáforas que intitulam os capítulos, acompanhando a sequência do raciocínio lógico. Ao mesmo tempo, apresenta outras metáforas configuradas em contos tradicionais, que dialogam com os conteúdos

apresentados, como não poderia deixar de ser. Às vezes também algumas histórias servem de mote, de inspiração para o desenvolvimento de um capítulo.

Escrevi para pessoas não especialistas, que buscam material que possa ser útil para seu trabalho, qualquer que ele seja. Por isso, procurei, como tenho feito há muito tempo, uma linguagem não rebuscada, quase coloquial, guiada, porém, por um propósito claro e por um pensamento que espero ter sido rigorosamente articulado.

E assim terminei essa lição de casa.

“Assim me contaram, assim vos contei.”

Não é a tenda de Fátima, como no relato exemplar, mas uma tenda, dentro de um percurso em que o comprometimento social com a possibilidade de confeccioná-la é o mínimo que se pode esperar de alguém que como eu, teve tantas oportunidades de aprender.

Uma tenda serve para abrigar muitas pessoas e para seu usufruto é destinada. Mas é também habitação provisória, efêmera, que faz parte da viagem constante, onde, espero, outras tendas vão surgir.

Lembro-me para terminar, de um pequeno trecho de Thomas Mann, que sei de cor, e que recolhi entre as páginas memoráveis de José e seus irmãos, como uma dádiva:

“A estrela do contador de histórias não é por acaso a lua, a errante, a senhora do caminho, que se move em estações, uma após a outra e transforma-se a si mesma depois de cada uma delas?”

Pois o contador de histórias também percorre muitas estações, vagueando e relatando. Mas dorme apenas em tendas, aguardando novas direções. E logo sente o coração bater-lhe forte, em parte de medo e angústia, em parte de desejo. Num e noutro caso, porém, como um sinal de que deve pegar a estrada para novas aventuras que deverão ser vividas por inteiro, até os mais recônditos pormenores, de acordo com a vontade do irrequieto espírito.”

R e g i n a S t e l a B a r c e l o s M a c h a d o

*Curriculum
Vitae*

S ã o P a u l o A g o s t o 2 0 0 2

SUMÁRIO

I.	IDENTIFICAÇÃO E TRABALHO ATUAL	1
II.	FORMAÇÃO ACADÊMICA	2
1.	Cursos de Pós-Graduação “stricto sensu” (Mestrado e Doutorado)	2
2.	Curso de Graduação.....	2
3.	Cursos extra-curriculares	2
III.	ATIVIDADES DIDÁTICAS	4
1.	Docência em Escolas de 1º, 2º e 3º graus	4
2.	Docência em Cursos de Especialização.....	5
3.	Docência em Cursos de Pós-Graduação “stricto sensu”	6
IV.	ATIVIDADES DE PESQUISA	9
V.	ATIVIDADES DE SERVIÇOS/EXTENSÃO À COMUNIDADE.....	11
1.	Bancas Examinadoras	11
1.1	Bancas de Mestrado (Qualificações e Defesas)	11
1.2	Bancas de Doutorado (Qualificações e Defesas)	13
1.3	Outras Bancas.....	15
1.4	Bancas de Concurso	15
2.	Assessorias e Consultorias	15
3.	Cursos, Seminários, Conferências, Palestras, Mesas Redondas e Oficinas Ministrados.....	17
3.1	No âmbito de Cursos na Universidade	17
3.2	Em eventos científicos, culturais e voltados à comunidade.....	18
3.3	Em empresas	30
VI.	ATIVIDADES TÉCNICO-ADMINISTRATIVAS	32
VII.	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS E CULTURAIS	32
VIII.	PRODUÇÕES E APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS	34
1.	Narração de contos	34
2.	Organização de Eventos Artísticos e Culturais.....	41
3.	Outras Apresentações Artísticas.....	42
IX.	PUBLICAÇÕES.....	43
1.	Publicações Bibliográficas	43
1.1	Livros Publicados no Brasil	43
1.2	Capítulos de Livros Publicados no Brasil.....	43
1.3	Prefácios em Livros Publicados no Brasil	43
1.4	Artigos Publicados em Revistas Nacionais	44
1.5	Artigos Publicados em Jornais Brasileiros	44
1.6	Textos Publicados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo ...	45
1.7	Participação em publicação de órgãos oficiais	45

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS

PASTA 1 – DOCS. 1/1 A 1/46
CURRICULUM: ITENS I, II, III e IV

PASTA 2 – DOCS. 2/1 A 2/34
CURRICULUM: ITENS V.1 e V.2

PASTA 3 – DOCS. 3/1 A 3/135
CURRICULUM: ITEM V.3

PASTA 4 – DOCS. 4/1 A 4/34
CURRICULUM: ITENS VI e VII

PASTA 5 – DOCS. 5/1 A 5/81
CURRICULUM: ITENS VIII e IX

I. IDENTIFICAÇÃO E TRABALHO ATUAL

1. Identificação

Nome: **REGINA STELA BARCELOS MACHADO**

Nascimento: São Paulo – SP – 07/04/1950

Filiação: Paulo Ramos Machado e Maria Stella Barcelos Machado

Endereço: R. Michael Kalinin 64 CEP: 05530-110 – São Paulo/SP –

Fone (011) 3722-2587

Email: rtetela@uol.com.br

2. Documentos de Identificação (pasta 1 /doc. 1, 2, 3, 4)

Identidade: R.G. nº 4.321.383 (SSP-SP)

C.P.F.: Nº 895.657.038-87 - São Paulo – SP

Título de eleitor: 452890

Carteira Profissional: nº 35.802, série 3350, SP

3. Trabalho Atual: cargo, função, local

- Desde 1987 como Professor Colaborador, Ref. MS-3, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e a partir de 1991, após concurso realizado, ingresso na carreira docente – em regime de trabalho RDIDP – como Professor Doutor junto ao Departamento de Artes Plásticas na especialidade Arte Educação. *(pasta 1/ doc. 5)*

II. FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. Cursos de Pós-Graduação “*stricto sensu*” (Mestrado e Doutorado)

1.1 Doutorado em Artes (*pasta 1/doc. 6*)

Escola de Comunicação e Artes - USP

Título da Pesquisa: “*Arte-Educação e o conto de tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário.*”; 1989.

Orientação: Profa. Dra. Anna Mae Barbosa

1.2 Mestrado em Educational Theater (*pasta 1/doc. 7*)

New York University, Estados Unidos.

Mestrado sem dissertação; 1981.

Sem orientador.

Bolsista da Fundação Fulbright durante o período de setembro de 1980 a setembro de 1981. (*pasta 1/doc. 8*)

2. Curso de Graduação

- Bacharel em **Ciências Sociais** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP/SP, 1968/1972. Diploma de Bacharel. (*Pasta 1/doc. 9*)

3. Cursos Extra-Curriculares

- “Curso de Harmonização do Corpo Sensível”, Prof. Jean Paul Resseguier, Escola Penedo. Rio de Janeiro/ RJ. 17 a 25/11/90. (*Pasta 1/doc. 10*)
- “Curso de Tai Chi”, Prof. Michel Veber, Academia Kanon. São Paulo / SP. 1982.

- “Curso de Verão da New York University”. Bretton Hall College of Higher Education. Inglaterra. 1981. *(Pasta 1/doc. 11)*
- “Curso de Educação Rítmica”, Profa. Vitória Santa Cruz, Nova York. Estados Unidos. 1980.
- “Curso de Formação de Atores”, Prof. Thurman Scott, Ansonia Hotel, Nova York. Estados Unidos. 1980.
- “Curso de Luta Marcial Chinesa – Ken Pô”, Prof. Joo de Brito, Clínica Psicoterapêutica. São Paulo / SP. 1979.
- “Grupo sem Palavras”, Dr. José Angelo Gaiarsa, Clínica Psicoterapêutica. São Paulo / SP. 1979.
- “Oficina de Teatro”, Prof. Illo Krugli, Teatro Arena. São Paulo / SP. 1977.
- “Dinâmica de Grupo ”, Prof. Lauro de Oliveira Lima, CRIE – Centro de Reciclagem Infantil Especializada. São Paulo / SP. 1975. *(Pasta 1/doc. 12)*
- “Seminário sobre o lazer”, realizado na Escolinha de Arte do Brasil. Rio de Janeiro / RJ. 1975.
- “Expressão Corporal”, Prof. Antônio Joaquim de Abreu, sob a orientação de Ivaldo Bertazzo. Duração: 1 ano. São Paulo / SP. 1975.
- “Curso Criatividade na Escola”, Profa. Lucia Brito, CRIAR – Centro de Educação Criativa. São Paulo / SP. 1973. *(Pasta 1/doc. 13)*
- “Introdução aos Estudos Literários”, Profa. Maria Teresa Vara, Depto. de Letras Clássicas da USP. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1972. *(Pasta 1/doc. 14)*
- “Estética”, Profa. Gilda de Mello e Sousa, Depto. de Filosofia da USP. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1972. *(Pasta 1/doc. 15)*

- “Curso de Formação de Professores de Arte”. Prof. Fanny Abramovich, CEAT. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1972. *(Pasta 1/doc. 16)*
- “Psicologia da Arte”, Prof. Rafael Buongermono, ECA-USP. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1971.
- “Expressão Corporal”, Prof. Carlos Trafic, Grupo Lobos. Buenos Aires. Argentina. Jan a Dez / 1969.
- “Expressão Corporal”, Prof. Renéé Gumiel. Jan a Dez / 1968.
- “Arte aplicada à Educação”, Profa. Anna Mae T. B. Barbosa, Escolinha de Arte de São Paulo. São Paulo / SP. 1968. *(Pasta 1/doc. 17)*
- “Introdução ao Cinema Brasileiro”, Prof. Jean Claude Bernadet, IADE – Instituto de Arte e Decoração. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1967. *(Pasta 1/doc. 18)*
- “Sociologia da Arte”, Prof. Sergio Ferro Pereira, IADE – Instituto de Arte e Decoração. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1967. *(Pasta 1/doc. 19)*
- “História da Arte”, Prof. Paulo Ramos Machado, IADE – Instituto de Arte e Decoração. São Paulo / SP. Jan a Dez / 1967. *(Pasta 1/doc. 20)*

III. ATIVIDADES DIDÁTICAS

1. Docência em Escolas de 1º, 2º e 3º Graus

1.1 Professora no ensino fundamental e médio

- 1969 – Escolinha de Arte de São Paulo / SP
 Profa. Assistente das Profas. Anna Mae Barbosa, Joana Lopes e Madalena Freire. *(Pasta 1/doc. 21)*
- 1970/71 – Escola IADE / SP
 Assistente de História da Arte e Sociologia da Arte.

Profa. do Curso Técnico de Desenho e Comunicação.
Profa. de História da Arte no Curso Livre de Decoração.
Criou o curso livre de teatro. (*Pasta 1/doc. 22*)

- 1974 – CRIAR – Centro de Educação Criativa / SP
Professora. (*Pasta 1/doc. 23*)
- 1975 – CRIE / SP
Profa. de Expressão Artística.
Orientadora da Área Expressiva. (*Pasta 1/doc. 24*)
- 1977 – Colégio Rainha da Paz / SP
Profa. de Educação Artística. (*Pasta 1/doc. 25*)
- 1990 – Escola Miguilim – Guimarães Rosa / SP
Coordenadora de oficinas para preparação didática dos
professores. (*Pasta 1/doc. 26*)
Supervisora da Área de Artes (1989-1990)

1.2 Professora em cursos de nível superior

- Faculdade de Música Mosarteum, 1974: Professora de Plástica; 1976:
Professora de Formas de Expressão
e Comunicações Artísticas. (*Pasta 1/doc. 27*)
- FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, 1977 / 78: Professora
de Instrumentação para o Ensino. (*Pasta 1/doc. 28*)
- Escola de Comunicações e Artes da USP: (*Pasta 1/doc. 29*)
 - Prática de Ensino em Educação Artística – 1990 / atual.
 - Projeto de Graduação – 1990 / atual.
 - Prática de Ensino em Artes Plásticas – 1990 / atual.

2. Docência em Cursos de Especialização

- Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP.
 - Curso de Especialização em Arte Educação, 1984 / atual:

- “Fundamentos Psico-Pedagógicos da Arte Educação”.
- “Fundamentos e Função do Professor de Arte”.
- “Fundamentos da Arte Educação” (*Pasta 1/doc. 30, 31, 32*)

- Curso de Especialização em Ação Cultural, 1986:
 - “O grupo em ação cultural”. (*Pasta 1/doc. 33*)

- Universidade Regional do Cariri. Crato / CE: (*Pasta 1/doc. 34*)
 - Curso de Especialização em Arte Educação, 2001:
 - “Fundamentos do Ensino da Arte”.

- Secretaria Municipal de Educação. Jacareí / SP.
 - Curso de Especialização em Arte Educação, 1998:
 - “Ensino e Aprendizagem da Arte”.

- Universidade Federal do Pará – UFPA: (*Pasta 1/doc. 35*)
 - Curso de Especialização Inter-relações Arte Escola, 1994:
 - “Fundamentos do Processo do Conhecimento Artístico”

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP: (*Pasta 1/doc. 36*)
 - Curso de Atualização em Literatura Infantil, 1991:
 - “O conto maravilhoso e uma estratégia de leitura”.

- Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: (*Pasta 1/doc. 37*)
 - Curso de Especialização em Arte Educação, 1992:
 - “Metodologia do Ensino em Artes Plásticas”
 - “Métodos de Pesquisa Qualitativa em Arte Educação”

3. Docência em Cursos de Pós-Graduação “stricto sensu”

Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP: (*Pasta 1/doc. 38*)

- Curso de Arte Educação. 1991 / atual:
 - conto tradicional e o ensino da arte: contribuições para uma pedagogia do imaginário.

- Apreciação estética e aprendizagem.
 - A narrativa como metáfora na formação do professor de arte.
-
- Orientadora em nível de Mestrado junto à Área de Artes, linha de pesquisa Arte Educação: (*Pasta 1/doc. 39*)

Orientandos Concluídos: (Mestrado)

- Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo
Título: "*Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa*".
Defesa em 2001.
- Iveta Borges DÁvila Fernandes
Título: "*A relação instituições culturais e rede pública na educação continuada*".
Defesa em 2001.
- Maria Angela Serri Francoio
Título: "*Museu de Arte e Ação Educativa: proposta de uma metodologia lúdica*".
Defesa em 2000.
- Edwin Parra Rocco
Título: "*Computação gráfica em arte e seu ensino*".
Defesa em 2000.

Orientações em Andamento: (Mestrado)

- Ana Amália T. B. Barbosa

Título: *“Diário de uma experiência: o ensino das artes visuais e do inglês de forma integrada”*.

- Beatriz C. de Miranda

Título: *“A oficina itinerante de Gutemberg: a história do livro”*.

- Andrea Cavinato

Título: *“A história do menino navegador Ilo Krugoli e seu indomável vento forte ”*.

- Anna Rita Ferreira de Araújo

Título: *“Relações perceptivas iniciais de adolescentes perante uma imagem”*.

- Katia S. F. Alvares

Título: *“Artes e movimentos expressivos: ação interdisciplinar para o desenvolvimento da sensibilidade estética”*.

IV. ATIVIDADES DE PESQUISA

- Projeto Contadores de Histórias: assessoria e oficinas. Natura Cosméticos. São Paulo / SP. 2000. (*Pasta 1/doc. 40*)
- Pesquisa para elaboração de Livros Infantis:
 - Nasrudin. 1999, 2000.
 - A Formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo. 1997, 1998.
- Projeto Campanha Palavra Viva de contadores de histórias. Criação em 1999, com sede no NACE NUPAE da ECA USP. Coordenação das atividades de pesquisa e narração de contos tradicionais. (*Pasta 1/doc. 41*)
- Projeto Capacitação de Coordenadores Pedagógicos da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – Artes e Comunicação. Participação na organização do projeto. FEUSP / SMESP. São Paulo / SP. 1996.
- Projeto NACE – Núcleo de Apoio, Cultura e Extensão – PAE – Promoção da Arte Educação. Participação na elaboração do projeto. Coord. Profª. Anna Mae Barbosa. Universidade de São Paulo. São Paulo / SP. 1995. (*Pasta 1/doc. 42*)
- Projeto do Curso de Especialização em Arte e Educação. Participação na elaboração e coordenação da reformulação do projeto. Depto. de Artes Plásticas – ECA / USP. São Paulo / SP. 1991. (*Pasta 1/doc. 43*)
- Projeto de Curso de Capacitação para Professores de Educação Artística da Rede Estadual. Participação na elaboração e coordenação do Projeto. Secretaria Estadual de Educação / FDE – Fundamento para

o Desenvolvimento da Educação. São Paulo / SP. 1991. Convênio USP / SE. *(Pasta 1/doc. 44)*

- Projeto de Pesquisa “O conto de tradição oral como instrumento metodológico no 1º grau”. Escola Miguilim. São Paulo / SP. 1987 a 1990. *(Pasta 1/doc. 45)*
- Projeto de Pesquisa sobre método pedagógico fundado na relação entre a Arte Educação e o conto de tradição, que resultou em tese de doutoramento. ECA – USP. São Paulo / SP. 1987.
- Projeto “Incentivo ao Jovem Dramaturgo”, realizado por Gerald Chapman com as escolas públicas de Nova York. Nova York – Estados Unidos. 1981.
- Projeto de Pesquisa “Domingo no Parque – uma experiência de teatro com um grupo de jovens”. Escola Domingo no Parque. São Paulo / SP. 1979.
- Participação no Projeto de Pesquisa “A Praça da Sé”, como pesquisadora na área de Artes Plásticas. Prefeitura Municipal de São Paulo / IDARTE. São Paulo / SP. 1978 e 1979. *(Pasta 1/doc. 46)*
- Participação no Projeto de Pesquisa de aprendizado de leitura de textos para alunos do curso técnico. IADE. São Paulo / SP. 1971.

V. ATIVIDADES DE SERVIÇOS/EXTENSÃO À COMUNIDADE

1. Bancas Examinadoras

1.1 Bancas de Mestrado (Qualificações e Defesas)

- Título: ***“Projetos Poéticos-Pedagógicos: a profissionização do arte-educador”***
Autor(a): Sumaya Mattar Moraes
Categoria: Mestrado (Qualificação)
Orientador(a): Profa. Dra. Hercília Tavares de Miranda
Instituição: FE-USP
Data: 2001
Participação: Membro Titular (*pastas 2/doc. 1*)
- Título: ***“Contar Histórias e Expressar-se: aprendizagem significativa e plantão psicológico abrindo possibilidades para a clínica”***
Autor(a): Marina Halpern-Chalom
Categoria: Mestrado (Defesa)
Instituição: IP-USP
Data: 20/04/2001
Participação: Membro Titular (*pastas 2/doc. 2*)
- Título: ***“Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa”***
Autor(a): Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo
Categoria: Mestrado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Regina Stela Barcelos Machado
Instituição: ECA-USP
Data: 2001
Participação: Presidente (*pastas 2/doc. 3*)
- Título: ***“Computação gráfica em arte e seu ensino”***
Autor(a): Edwin Parra Rocco
Categoria: Mestrado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Regina Stela Barcelos Machado
Instituição: ECA-USP
Data: 2000
Participação: Presidente (*pastas 2/doc. 4*)
- Título: ***“Museu de Arte e Ação Educativa: proposta de uma metodologia lúdica”***
Autor(a): Maria Angela Serri Francoio
Categoria: Mestrado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Regina Stela Barcelos Machado
Instituição: ECA-USP
Data: 2000
Participação: Presidente (*pastas 2/doc. 5*)

- Título: *“A T.V. que a gente não vê: a influência da televisão no desenho da criança”*
 Autor(a): Kátia Helena Alves Pereira
 Categoria: Mestrado (Defesa)
 Orientador(a): Profª. Dra. Hercília Tavares de Miranda
 Instituição: FE-USP
 Data: 1999
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 6*)

- Título: *“Sylvio Rabello e o desenho infantil”*
 Autor(a): Rejane Galvão Coutinho
 Categoria: Mestrado (Defesa)
 Instituição: ECA-USP
 Data: 1998
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 7*)

- Título: *“Um conto e muitas histórias - um trabalho de arte educação”*
 Autor(a): Meyli Moraes de Oliveira Lima
 Categoria: Mestrado (Defesa)
 Orientador(a): Profª. Dra. Hercília Tavares de Miranda
 Instituição: FE-USP
 Data: 1996
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 8*)

- Título: *“Interdisciplinaridade no ensino de arte. Estudo de Caso. Colégio Equipe Anos 70.”*
 Autor(a): Heloisa Margarido Sales
 Categoria: Mestrado (Defesa)
 Instituição: ECA-USP
 Data: 17/12/1992
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 9*)

- Título: *“Por que se esconde a violeta? Uma concepção de Desenho”*
 Autor(a): Lucimar Bello Pereira Frange
 Categoria: Mestrado (Qualificação)
 Orientador(a): Ana Mae T. B. Barbosa
 Instituição: ECA-USP
 Data: 1991
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 10*)

- Título: *“Discussão para uma proposta de política educacional da Divisão de Ação Educativo-Cultural do Museu Lasar Segall.”*
 Autor(a): Denise Grinspum
 Categoria: Mestrado (Defesa)
 Instituição: ECA-USP
 Data: 09/05/1991
 Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 11*)

- Título: *“A arte educação como agente no processo da identidade”*
Autor(a): Maria Lilian S T Fongaro
Categoria: Mestrado (Qualificação)
Instituição: ECA-USP
Data: 1990
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 12*)
- Título: *“Leituras de Fragmentos”*
Autor(a): M. Christina de S. L. Rizzi Cintra
Categoria: Mestrado (Qualificação)
Orientador (a): Profa. Dra. Ana Mae T. B. Barbosa
Instituição: ECA-USP
Data: 21/12/1990
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 13*)

1.2 Bancas de Doutorado (Qualificações e Defesas)

- Título: *“Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela”*
Autor(a): Cecília Warschauer
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Carlos de Menezes
Instituição: FE-USP
Data: 29/09/2000
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 14*)
- Título: *“A leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes Visuais na formação contínua de professores do ensino fundamental”*
Autor(a): Rosa Iavelberg
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Maria Heloisa de Toledo Ferraz
Instituição: ECA-USP
Data: 23/03/2000
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 15*)
- Título: *“Olho-Vivo - Arte-Educação na exposição Labirinto da Moda uma Aventura Infantil”*
Autor(a): Maria Christina de Souza Lima Rizzi
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Ana Mae T. B. Barbosa
Instituição: ECA-USP
Data: 18/02/2000
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 16*)
- Título: *“ARTE - o seu encantamento e o seu trabalho na educação de educadores: a celebração da metamorfose da cigarra e da formiga”*
Autor(a): Miriam Celeste Ferreira Dias Martins
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Selma Garrido Pimenta

Instituição: FE-USP
Data: 14/06/1999
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 17*)

- Título: ***“Licenciatura em Artes Visuais - limites em expansão”***
Autor(a): Lucia Gouvêa
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Ana Mae T. B. Barbosa
Instituição: ECA-USP
Data: 09/04/1999
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 18*)
- Título: ***“Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa”***
Autor(a): Gilka Elvira Ponzi Girardello
Categoria: Doutorado (Defesa)
Instituição: ECA-USP
Data: 10/06/1998
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 19*)
- Título: ***“O desenho do pré-adolescente: características e tipificação - dos aspectos gráficos à significação nos desenhos de narrativa”***
Autor(a): Maria Lúcia Batezat Duarte
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Maria Heloisa de Toledo Ferraz
Instituição: ECA-USP
Data: 06/10/1995
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 20*)
- Título: ***“Eu não gosto de cópia. Reflexões sobre a prática alfabetizadora”***
Autor(a): Maria Lúcia Toralles Pereira
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Ana Mae T. B. Barbosa
Instituição: ECA-USP
Data: 11/11/1993
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 21*)
- Título: ***“Compreenda, interprete, avalie – da qualidade do desenho artístico e da pintura na universidade”***
Autor(a): Lair Ana Barreira
Categoria: Doutorado (Defesa)
Orientador(a): Profa. Dra. Ana Mae T. B. Barbosa
Instituição: ECA-USP
Data: 25/11/1992
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 22*)

1.3 Outras Bancas

- Título: “*Projeto de Graduação em Educação Artística*”
Autor(a): Desirée Veiga Pereira
Categoria: Graduação
Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Alberto Fajardo
Instituição: ECA-USP
Data: 04/02/2000
Participação: Membro Titular (*pasta 2/doc. 23*)

1.4 Bancas de Concurso

- Membro de Banca Examinadora de Concurso Público para Professor Auxiliar na área de Fundamentos de Arte na Educação. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória / ES. Período: 29/03 a 01/04/1992. (*Pasta 2/doc. 24*)
- Membro de Banca de *Comissão Julgadora de Processo Seletivo para admissão de técnico especializado em museus - arte – educação*. MAC / USP – 1990. (*Pasta 2/doc. 25*)

2. Assessorias e Consultorias

- Consultoria ao Grupo de contadores de histórias da Empresa Natura Cosméticos, realizada em reuniões bimensais com os funcionários da empresa. Promoção: Ação Social da Natura. São Paulo. 2002. (*Pasta 2/doc. 26*)
- Assessoria ao Projeto Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, para a equipe de contadoras de histórias. Como participante do Projeto. Coord. Profa. Dra. Maria Cristina Kupfer. IP – USP. 1994 / 1998. (*Pasta 2/doc. 27*)
- Assessoria no “Programa de Implantação de Parâmetro Curricular Nacional” – Ensino Fundamental, área de arte, como professora especialista junto ao MEC. Consultora da equipe de Arte e participação na redação do documento da área de Arte. São Paulo. Fevereiro a Junho/ 1996. (*Pasta 2/doc. 28, 29, 30*)

- Assessoria à equipe pedagógica na estruturação de atividade de contar estórias como parte da proposta pedagógica da escola. Escola Rural de 1º Grau. Associação Palas Atena. Sítio dos Pandavas. Monteiro Lobato / SP. 1994. *(Pasta 2/doc. 31)*
- Assessoria ao Projeto de Contadores de Histórias, no Curso de Formação para a equipe de contadores. Secretaria Municipal de Cultura. Ribeirão Preto / SP. 1994. *(Pasta 2/doc. 32)*
- Assessoria para a criação do Projeto de Contar Estórias para Crianças, coordenado pela Profa. Renata Welch. Associação Alumni. São Paulo. Maio de 1993.
- Assessoria para a organização de treinamento de gerentes através da inclusão de trabalho com contos tradicionais. Gessy Lever. São Paulo. Dezembro de 1993.
- Assessoria ao Projeto IPÊ e Proposta para o Ensino de Educação Artística no 1º e 2º graus. CENP - Secretaria de Estado de Educação. São Paulo. 1986. *(Pasta 2/doc. 33)*
- Assessoria ao Projeto com assistentes de atividades artísticas da rede municipal. DEPLAN - Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo. 1985. *(Pasta 2/doc. 34)*

3. Cursos, Seminários, Conferências, Palestras, Mesas Redondas e Oficinas Ministrados

3.1. No âmbito de Cursos na Universidade

- “Integração e Arte narrativa”. Módulo ministrado no curso de Especialização em Administração de Empresas Itaipu-Binacional. Promoção: FEA / FIA – USP. São Paulo / SP. 1998, 2002. *(Pasta 3/doc. 1, 2)*
- “A Arte Narrativa e Atividades Monitoradas”. Módulo ministrado no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento Técnico da EMTU. Promoção: FEA / FIA – USP. São Paulo / SP. 1998, 2002. *(Pasta 3/doc. 3, 4)*
- “Análises organizacionais na ótica de uma contadora de histórias”. Módulo ministrado no âmbito do Curso MBA – Recursos Humanos. Promoção: FEA / FIA – USP. São Paulo / SP. 1997, 1998, 1999, 2000, 2001. *(Pasta 3/doc. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14)*
- “A arte de contar histórias”. Oficina realizada no Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação – NACE –NUPAE / ECA – USP . 1998, 1999, 2000 e 2001. *(Pasta 3/doc. 15)*
- “Análise Organizacional na ótica de uma contadora de histórias”. Módulo ministrado no âmbito do Programa de Treinamento em Gestão Empresarial para a Corn Products. Promoção: FEA / FIA – USP. São Paulo / SP. 2000. *(Pasta 3/doc. 16)*
- “A arte de contar estórias”. Conferência ministrada na Escola de Enfermagem – USP. São Paulo / SP. 1995. *(Pasta 3/doc. 16A)*

- “Re-formas e Re-paros: experiências de formação do professor de arte”. Seminário promovido pela ECA-USP. Como coordenadora. São Paulo / SP. Outubro de 1994. *(Pasta 3/doc. 17)*
- “A pesquisa sobre arte narrativa e seus resultados pedagógicos”. Palestra ministrada no IEA / USP – Instituto de Estudos Avançados. São Paulo / SP. Junho de 1993. *(Pasta 3/doc. 18)*

3.2. Em eventos científicos, culturais e voltados à comunidade

- “Leitura e Memória”. Mesa Redonda realizada no Seminário de Leitura. SESC – Itaquera / Secretaria Municipal de Educação. São Paulo / SP. 26 de junho/ 2002. *(Pasta 3/doc. 19, 20)*
- “História para crianças, jovens e adultos”. Oficina realizada na Semana Cultural Laramara. LARAMARA – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual. São Paulo / SP. 22 de novembro/ 2001. *(Pasta 3/doc. 21)*
- “Caravanserai – Contando história no deserto”. Palestra ministrada no âmbito do Seminário O Livro na Educação do 3º Milênio, na XX Feira do Livro de Brasília, promovida pela Câmara do Livro do Distrito Federal. Brasília / DF. 28 de agosto/2001. *(Pasta 3/doc. 22, 23)*
- “Patrimônio cultural e tradição na Educação Estética Contemporânea”. Palestra de abertura ministrada no 3º Seminário de Educação Estética – IV Festival de Artes de Goiás. Universidade Federal de Goiás. Goiânia / GO. Em 30 de setembro/2001. *(Pasta 3/doc. 24)*
- “A arte de contar histórias”. Oficina realizada no 3º Seminário de Educação Estética – IV Festival de Artes de Goiás. Universidade Federal de Goiás. Goiânia / GO. 30 de setembro a 02 de outubro/2001. *(Pasta 3/doc. 25)*

- “A arte de contar histórias”. Curso ministrado no Evento Mostra Regional de Teatro Infantil. Promoção: Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. São Bernardo do Campo / SP. 23 de setembro/2001. *(Pasta 3/doc. 26)*
- “A arte de contar histórias e o trabalho de responsabilidade social”. Conferência promovida pela Editora Cia das Letras. São Paulo / SP. 30 de agosto/2001. *(Pasta 3/doc. 27)*
- “A arte de contar histórias”. Curso ministrado na Clínica Psicanalítica de Barretos. Barretos / SP. Duração: 16 horas. 23 e 24 de novembro/2001.
- “A arte de contar histórias”. Palestra no evento Conto e Encanto. Promoção SESC – Bauru. Bauru / SP. 01 de setembro/ 2000. *(Pasta 3/doc. 28)*
- “Os fundamentos no ensino da arte”. Palestra ministrada no 1º Encontro de Arte Educadores “A arte na escola, como e por quê”. Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo / SP. 18 de agosto/2000. *(Pasta 3/doc. 29)*
- “O artista e o ensino de arte”. Palestra ministrada no Encontro Estadual 2000. Associação de Arte Educadores. São Paulo / SP. 28 de outubro/ 2000. *(Pasta 3/doc. 30, 31)*
- “A arte de contar histórias”. Palestra ministrada no Grande Sarau de Histórias. Projeto Artistas da Palavra. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis / SC. 07 de novembro/ 2000. *(Pasta 3/doc. 32)*
- “A arte de contar histórias”. Oficina ministrada no âmbito do âmbito do Evento Educação Imaginada – Oficinas para capacitação de professores. São Paulo / SP. 18 de novembro/2000. *(Pasta 3/doc. 33)*
- “Oficina de Literatura”. Curso ministrado no âmbito do Projeto Escola que Vale. CEDAC / Fundação Vale do Rio Doce. Açailândia / MA. 2000. *(Pasta 3/doc. 34)*

- “Oficinas de histórias”. Coordenadora de oficinas para crianças. Promoção: Secretaria Municipal de Cultura. Cajamar / SP. 2000.
- “A arte de contar histórias”. Oficina realizada no Instituto de Psicologia – USP. São Paulo / SP. 2000.
- “É possível ensinar arte? – Globalização, identidades e diferenças”. Mesa Redonda realizada no XII Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil – FAEB. Salvador /BA. 18 de novembro/ 1999. (*Pasta 3/doc. 35*)
- “Criança e adolescente no teatro”. Mesa Redonda realizada no âmbito do “Evento Qualé a festa?”. SESC Pompéia, Teatro Vento Forte e Cia Les Petits Poids. São Paulo / SP. 26 de novembro/1999. (*Pasta 3/doc. 36*)
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Oficina realizada na I Jornada Pedagógica do Sinesp – Sindicato dos Especialistas de Educação do Ensino Público do Município de São Paulo. FECAP. 12 de maio/1999. (*Pasta 3/doc. 37*)
- “Contos Tradicionais na Aprendizagem”. Oficinas realizadas no âmbito do Projeto Escola que Vale. Como coordenadora das oficinas de literatura. Cedac / Fundação Vale do Rio Doce. Açailândia / MA; Paravapebas / PA; São Luis / MA; Catas Altas / MG; João Neiva / ES. 1999. (*Pasta 3/doc. 38*)
- “A arte de contar história e sua função na aprendizagem II”. Mini curso ministrado para Educadores no 9º Encontro de Educação de Paulínea – ENEP. Paulínea / SP. 12 a 16 de julho/1999. (*Pasta 3/doc. 39, 40, 41, 42*)
- “A compreensão e o prazer da arte”. Palestra ministrada no Projeto de leituras e discussão de obras de arte. Coord. Profa. Ana Mae Barbosa. Promoção: SESC. São Paulo / SP. 28 de abril a 27 de novembro/ 1998. (*Pasta 3/doc. 43*)

- “As mudanças na educação e o ensino de arte”. Conferência ministrada no Encontro Estadual da Associação dos Arte – Educadores do Estado de São Paulo, realizado na FAU – USP, São Paulo / SP. 24 de abril/ 1998. *(Pasta 3/doc. 44, 45)*
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Curso ministrado no Evento A comunidade discutindo a Educação. Promoção: Federação Israelita do Estado de São Paulo. São Paulo / SP. 08 de novembro/ 1998. *(Pasta 3/doc. 46, 47)*
- “Apreciação e aprendizagem da arte”. Palestra ministrada no âmbito do Projeto “A Educação Pública e a da XXIV Bienal de São Paulo”. São Paulo / SP. 19 de novembro e 11 de dezembro/ 1998. *(Pasta 3/doc. 48, 49)*
- “A arte narrativa e o processo de ensino-aprendizagem”. Palestra ministrada no Evento “Vitrine Educacional de Dezembro/98”. Instituto de Tecnologia Avançada em Educação. São Paulo / SP. 03 de dezembro de 1998. *(Pasta 3/doc. 50)*
- “Arte narrativa tradicional e aprendizagem”. Conferência ministrada no âmbito do Projeto Viva e Deixe Viver. São Paulo / SP. 08 de junho/1998. *(Pasta 3/doc. 51)*
- “Contadores de Histórias”. Oficina realizada na X Semana Roseana. Museu Casa Guimarães Rosa. Codisburgo / MG. 29 de junho a 05 de julho/1998. *(Pasta 3/doc. 52, 53, 54)*
- “A arte narrativa como metáfora para aprendizagem”. Mini Curso realizado no âmbito do Seminário de Literatura Infantil e Juvenil: Comemoração dos 50 anos de morte de Monteiro Lobato. UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus / BA. 01 a 03 de setembro/1998. *(Pasta 3/doc. 55)*

- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Mini curso ministrado para Educadores no 8º Encontro de Educação de Paulínea – ENEP. Paulínea / SP. 13 a 17 de julho/1998. *(Pasta 3/doc. 56, 57)*
- “Narração de contos”. Oficina no Evento A Palavra em Construção. SESC Vila Mariana. São Paulo / SP. 07, 09 e 14 de outubro/ 1998. *(Pasta 3/doc. 58)*
- “Os contos tradicionais e a aprendizagem”. Curso ministrado no âmbito da I Jornada de Capacitação dos Profissionais da Educação. Promoção: Secretaria Municipal de Educação. Jacareí / SP. 13 a 15 de junho/1997. *(Pasta 3/doc. 59)*
- “Contos tradicionais e aprendizagem”. Oficina ministrada no âmbito do Projeto Viagens. Instituto Cultural Itaú. São Paulo / SP. 18 e 25 de abril/ 1998. *(Pasta 3/doc. 60)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Oficinas ministradas para educadores. Secretaria de Estado da Educação / FDE. São Paulo / SP. 21 a 24 de março e 25 a 27 de setembro/ 1998. *(Pasta 3/doc. 61, 62)*
- “Contadora de histórias”. Palestra ministrada no âmbito do curso Arte e Vida – nos diferentes espaços da deficiência. Promoção: ABPC –Associação Brasileira de Paralisia Cerebral / AACD. São Paulo / SP. 23 de março/ 1997. *(Pasta 3/doc. 63, 64)*
- “A arte de contar histórias e valores humanos fundamentais”. Conferência ministrada no âmbito do Projeto Direitos Humanos no Limiar do Século XXI – Educação para a Cidadania: desarranjos escolares?. UNESCO. São Paulo / SP. 20 de outubro/ 1997. *(Pasta 3/doc. 65, 66)*
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Oficina realizada no evento “Programação de Férias”. Escola da Vila / Colégio Fernando Pessoa. São Paulo / SP. 25 e 26 de julho/1997.

- “A arte de contar estórias”. Oficina realizada no âmbito do Evento 7ª Oficina de Educação Musical no Brasil. Allegro Escola de Música. São Paulo / SP. 17 de maio/1997. *(Pasta 3/doc. 67)*
- “A arte de contar estórias”. Conferência ministrada no Hospital da Criança. São Paulo / SP. 1997.
- “Ensino e Aprendizagem: Apreciação”. Mesa Redonda realizada no Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, com participação no Comitê deliberativo do temário Arte Educação. ECA – USP. São Paulo / SP. 22 a 26 de outubro/ 1996. *(Pasta 3/doc. 68, 69, 70)*
- “A narrativa oral como metáfora na aprendizagem do professor de arte”. Seminário realizado na Jornada de Reflexão Pedagógica. Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha. São Paulo / SP. 13, 15 e 21 de junho/ 1996. *(Pasta 3/doc. 71)*
- “O conto tradicional e a aprendizagem”. Palestra ministrada na III Semana de Educação. Prefeitura Municipal de Guarujá. Guarujá / SP. 02 de julho/ 1996. *(Pasta 3/doc. 72)*
- “Contar estórias e a formação do educador”. Módulo ministrado no Curso Brincante para Educadores. Teatro Escola Brincante. São Paulo / SP. 1996 a 1999. *(Pasta 3/doc. 73)*
- “Malba Tahan e as narrativas no ensino de Matemática”. Conferência ministrada no Colégio Singular. São Paulo / SP. 1996.
- “A arte narrativa e a aprendizagem”. Conferência ministrada no Colégio Humboldt. São Paulo / SP. 1996.
- “O conto tradicional na biblioteca”. Conferência promovida pela Secretaria Municipal de Educação. São Paulo / SP. 1996.

- “Caravana de Sonhos”. Conferência ministrada na Associação dos Magistrados do Estado de São Paulo. São Paulo / SP. 1996.
- “Era uma vez: a arte de contar estórias”. Conferência ministrada na Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo / SP. Novembro de 1996.
- “Institucionalização do Ensino de Artes na Universidade Brasileira”. Mesa Redonda realizada no âmbito do I Seminário sobre Ensino de Artes. Sindicato ANDES Nacional. Belo Horizonte / MG. 30 de abril/1995. *(Pasta 3/doc. 74)*
- “A arte de contar histórias”. Palestra ministrada no âmbito da Mesa Redonda Leitura e Formação do Leitor – Seminário Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil, Livro-Didático e Participação da Comunidade na Formação de Leitores. Ministério da Educação / Secretaria do Ensino Fundamental. São Paulo / SP. 22 de setembro/ 1995. *(Pasta 3/doc. 75)*
- “Influência do conto no desenvolvimento infantil”. Mesa Redonda realizada no Seminário Comemorativo 10 anos – Programa Creche “Linguagem sob a Troca de Olhar entre a Educação e a Saúde”, organizado pelo Curso de Fonoaudiologia. Faculdade de Medicina – FMUSP. São Paulo / SP. 16 a 18 de novembro/ 1995. *(Pasta 3/doc. 76, 77, 78)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso ministrado no Encontro de Educadores. Secretaria Municipal de Educação. Jacaréí/ SP. 26 a 28 de julho/ 1995. *(Pasta 3/doc. 79)*
- “A arte de contar histórias”. Palestra ministrada no Treinamento para Contadores de Histórias. SESC. Rio de Janeiro/ RJ. 29 a 31 de março/ 1995. *(Pasta 3/doc. 80)*
- “A Arte-Educação no contexto atual”. Palestra ministrada nas Faculdades Integradas Teresa D’Ávila. Lorena / SP. 07 de junho/ 1995. *(Pasta 3/doc. 81)*

- “A magia do conto tradicional”. Palestra ministrada na 1ª Noitada Pedagógica Aberta. Espaço Pedagógico. São Paulo / SP. 31 de agosto/ 1995. (*Pasta 3/doc. 82*)
- “Tradição Oral”. Coordenação de Grupo de Estudos realizado no âmbito do Encontro Internacional de Arcos 95. Arcos de La Frontera – Espanha. 1995. (*Pasta 3/doc. 83*)
- “Arte Educação”. Palestra ministrada no Projeto Criança Fazendo Arte. SESC. Bauru / SP. 29 de junho/ 1995.
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Curso ministrado no âmbito do V Seminário Pedagógico Rumos Abertos. Centro Pedagógico Casa dos Pandavas / Associação Palas Athena do Brasil. São Paulo / SP. 04 a 06 de fevereiro/1994. (*Pasta 3/doc. 84*)
- “A arte de contar histórias”. Curso ministrado para educadores da rede municipal de ensino. Secretaria Municipal de Educação. Jundiaí / SP. 25 a 27 de agosto/ 1994. (*Pasta 3/doc. 85*)
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Oficina realizada no âmbito dentre as “Oficinas de Inverno”. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Mogi das Cruzes / SP. 31 de julho/ 1994. (*Pasta 3/doc. 86*)
- “Os contos no contexto terapêutico”. Conferência ministrada na Faculdade Sedes Sapientiae. São Paulo / SP. 1993. (*Pasta 3/doc. 87*)
- “O conto tradicional e a aprendizagem”. Conferência ministrada na Semana do Professor. Promoção: Editora Moderna. São Paulo / SP. 1994.
- “A arte de contar histórias”. Curso para professores promovido pela Associação Palas Athena. São Paulo / SP. 1993. (*Pasta 3/doc. 88, 89*)

- “A arte de contar estórias”. Conferência ministrada na Fundação Iniciativa. Curitiba / PR. 1994.
- “A arte de contar estórias – experiência prático-teórica: pressupostos, fundamentos e possibilidades de utilização do conto como instrumento pedagógico”. Oficina Lúdica realizada no âmbito do Projeto O Direito de Brincar: a Brinquedoteca. Fundação Abrinq. São Paulo / SP. 04 a 06 de novembro/ 1993. *(Pasta 3/doc. 90)*
- “Agora eu era o herói: a tecelagem tradicional e o conto tradicional”. Oficina realizada no âmbito do Evento Tramar e Coçar É só começar. SESC Pompéia. São Paulo / SP. 10 de julho/ 1993. *(Pasta 3/doc. 91)*
- “O conto tradicional e a aprendizagem”. Palestra ministrada na Escola Ponto Omega. São Paulo / SP. 26 de junho/ 1993. *(Pasta 3/doc. 92)*
- “Arte Educação”. Palestra ministrada no Curso de Arte e Espiritualidade. Centro Teresiano de Espiritualidade. 01 de julho/ 1993. *(Pasta 3/doc. 93)*
- “Especialização em Arte Educação”. Curso ministrado na Escola de Teatro Dulcina de Moraes. Brasília – DF. 1993.
- “A arte de contar estórias”. Oficina para bibliotecárias promovida pelo SESI. São Paulo / SP. 1993.
- “Curso de Especialização em Educação e Arte da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo”. Comunicação proferida no I Congresso sobre o ensino das artes nas universidades. ECA / FAU – USP. São Paulo/ SP. 12 de maio/ 1992. *(Pasta 3/doc. 94, 95)*
- “Arte e Educação”. Mini Curso realizado no Seminário de Literatura, Arte e Educação – III Encontro Luso Afro-Brasileiro de Literatura Infantil / Juvenil,

realizado na XII Bienal Internacional do Livro. Promoção: Câmara Brasileira do Livro. São Paulo / SP. 05 de setembro/ 1992. *(Pasta 3/doc. 96, 97)*

- “O contador de causos”. Oficina realizada no 1º Encontro MCPW com a Comunidade Ítalo-Brasileira. AABB / MCPW. São Paulo / SP. Novembro de 1992. *(Pasta 3/doc. 98)*
- “A função das narrativas orais no processo de ensino e aprendizagem da Arte”. Palestra ministrada na Pueri Domus. São Paulo / SP. Novembro de 1992. *(Pasta 3/doc. 99)*
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Conferência ministrada no Smeinário Arte: Linguagem da Humanidade. FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo / SP. 31 de agosto/ 1992. *(Pasta 3/doc. 100)*
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Conferência ministrada na Escola Ibeji. São Paulo / SP. 1992.
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Conferência ministrada na Casa Redonda. São Paulo / SP. 1992.
- “A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem”. Curso ministrado na Associação Palas Athena. São Paulo / SP. 1992.
- “O imaginário e a criação simbólica”. Oficina realizada para alunos do curso de Educação Artística. FASM – Faculdades Santa Marcelina. São Paulo / SP. 29 de agosto / 1991. *(Pasta 3/doc. 101)*
- “Era uma vez... A arte de contar histórias”. Palestra ministrada no Evento “Vivências de cultura infantil”. Promoção: Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia. Salvador / BA. 30 de outubro/ 1991. *(Pasta 3/doc. 102)*

- “A arte de contar estórias”. Palestra ministrada no IV Encontro de Mostras Culturais. Secretaria de Estado da Educação. São José dos Campos / SP. 13 de novembro/ 1991. (*Pasta 3/doc. 103*)
- “A imaginação criadora e o trabalho de artes plásticas na escola”. Curso ministrado em colaboração com a Profa. Rosa Iavelberg. Escola da Vila. São Paulo / SP. 1991. (*Pasta 3/doc. 104*)
- “A arte de contar estórias e sua função na aprendizagem”. Curso promovido pela Secretaria Municipal de Educação. Jacareí / SP. 1990. (*Pasta 3/doc. 105*)
- “A arte de contar estórias”. Seminário realizado na Escola Vera Cruz. São Paulo / SP. 1991. (*Pasta 3/doc. 106*)
- “Oficina de Contos”. Oficina promovida pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo. Campinas / SP. 1991.
- “Arte Educação e o conto de tradição oral: relato de uma experiência de trabalho”. Palestra ministrada no Simpósio de Literatura Infanto-Juvenil. Depto. de Letras da FFLCH / USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo / SP. 24 a 27 de abril/1990. (*Pasta 3/doc. 106A*)
- “A criança e a produção simbólica para as creches municipais”. Curso pela Secretaria do Bem Estar Social. São Paulo / SP. 1990. (*Pasta 3/doc. 106B*)
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso promovido pela Secretaria Municipal de Educação. Jacareí/ SP. 1990. (*Pasta 3/doc. 107*)
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso promovido pela FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo / SP. 1989 e 1990. (*Pasta 3/doc. 108, 109*)

- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso ministrado no Instituto Brasil Alemanha. São Paulo / SP. 1989 e 1990. *(Pasta 3/doc. 110)*
- “A arte de contar histórias”. Oficina realizada para Pessoas de 3º idade. Promoção: Centro Cultural São Paulo. São Paulo / SP. 1988. *(Pasta 3/doc. 111)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso promovido pela Secretaria do Bem Estar Social. São Paulo / SP. 1988.
- “Arte Educação e o conto de tradição oral”. Oficina realizada na Bienal do Livro. São Paulo / SP. 1988. *(Pasta 3/doc. 112, 113)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso realizado no Evento Oficinas Culturais 3 Rios. Promoção: Secretaria de Estado de Cultura. São Paulo / SP. 1987. *(Pasta 3/doc. 114)*
- “ Além do texto e da imagem: a ação”. Módulo ministrado no curso A Leitura do Livro Infantil em sua Dinâmica e Linguagem. Depto. de Bibliotecas Infanto-Juvenil. Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo / SP. 1987. *(Pasta 3/doc. 115)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso realizado na Escola da Vila. São Paulo / SP. 1986. *(Pasta 3/doc. 116, 117)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso realizado na Pré-Escola Dominó. São Paulo / SP. 1985. *(Pasta 3/doc. 118)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Curso realizado na Escola Via Láctea. São Paulo / SP. 1984. *(Pasta 3/doc. 119)*
- “Do outro lado do espelho: uma experiência de teatro com adolescentes”. Curso realizado na Pinacoteca do Estado. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. São Paulo / Sp. Novembro e dezembro/ 1978. *(Pasta 3/doc. 120)*

3.3. Em empresas

- “A arte de contar histórias”. Curso ministrado para funcionários. ELETROSUL. Florianópolis / SC. 04 e 05 de março/ 2002. *(Pasta 3/doc. 121)*
- “Conto tradicional e responsabilidade social”. Curso ministrado no evento Formação do Grupo de Contadores de Histórias. Promoção: Natura Cosméticos. São Paulo / SP. 1999, 2000 e 2001. *(Pasta 3/doc. 122)*
- “Caravana dos Sonhos”. Conferência ministrada no âmbito do Programa PDE – Parceria para o desenvolvimento empresarial. Fundação Dom Cabral. São Paulo / SP. 2000. *(Pasta 3/doc. 123)*
- “As narrativas tradicionais como metáforas de aprendizagem”. Palestra ministrada no âmbito do Programa GPM - Gestão de Pessoas e Mudanças. Fundação Dom Cabral. São Paulo / SP. 1999 e 2000. *(Pasta 3/doc. 124)*
- “A arte de contar histórias e as organizações”. Palestra ministrada no âmbito do VI Seminário de Recursos Humanos, promovido pelo SENAC. São Paulo / SP. 22 de julho/ 1999. *(Pasta 3/doc. 125)*
- “Palestra Motivacional”. Banco Itaú. São Paulo / SP. 03 de julho/ 1999. *(Pasta 3/doc. 126)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Palestra ministrada em comemoração ao “Dia das Secretárias”. GT – Secretárias do Grupo Estado. S.A. O Estado de São Paulo. São Paulo / SP. Setembro de 1997. *(Pasta 3/doc. 127)*
- “Era uma vez a arte de contar histórias”. Palestra ministrada no I Seminário de Supervisores. ECOSUL. Paraná. 28 de agosto/ 1997. *(Pasta 3/doc. 128)*

- “Era uma vez a arte de contar estórias”. Palestra ministrada no 3º Seminário de Qualidade Total. COPEL. Curitiba/ PR. 03 de abril/ 1997. *(Pasta 3/doc. 129)*
- “A arte de contar estórias”. Palestra ministrada no 1º Fórum Paulista de Secretárias. SENAC. São Paulo / SP. 04 a 06 de setembro/ 1996. *(Pasta 3/doc. 130)*
- “Era uma vez a arte de contar estórias”. Palestra ministrada no I Ciclo de Palestras “Vivendo e Aprendendo...”. COPEL – Companhia Paranaense de Energia. Ponta Grossa / PR. Período: 16 e 17 de outubro/1996. *(Pasta 3/doc. 131, 132)*
- “Era uma vez a arte de contar estórias”. Palestra ministrada em Convenção Nacional. Roche S.A. São Paulo / SP. 23 de abril/1996. *(Pasta 3/doc. 133)*
- “A arte de contar estórias como técnica na construção do conhecimento”. Palestra ministrada no evento “Era uma vez...”. SENAC. Barretos / SP. 18 de março/ 1994. *(Pasta 3/doc. 134)*
- “Por quê estórias?”. Conferência ministrada no âmbito do Programa de Treinamento Contábil Financeiro. Gessy Lever. São Paulo / SP. 1993.
- “Contos tradicionais e sua função no mundo de hoje”. Palestra ministrada na Agência Young & Rubican. São Paulo / SP. Janeiro de 1992.
- “Encontro com Contador de Estórias”. Palestra promovida pela ADEMP - Associação dos Pequenos Empresários do Estado de São Paulo. São Paulo / SP. Março de 1992.

VI. ATIVIDADES TÉCNICO-ADMINISTRATIVAS

- Membro da Comissão Permanente de Licenciatura. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 2001 / atual. (*Pasta 4/doc. 1*)
- Coordenadora do NACE-NUPAE - Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1998 / atual. (*Pasta 4/doc. 2*)
- Membro da Comissão de Pesquisa. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1998 / 2000. (*Pasta 4/doc. 3*)
- Presidente da Comissão de Coordenação de Cursos do CAP. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1995 / 1998. (*Pasta 4/doc. 4*)
- Membro do Conselho / CAP. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1995 / 1998.
- Membro da Comissão de Organização de Cursos do CAP. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1992 / 1994. (*Pasta 4/doc. 5*)
- Coordenadora do curso de Especialização em Arte Educação. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1991. (*Pasta 4/doc. 6*)
- Membro do COC - Comissão Coordenadora de Cursos. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1990 / 1991. (*Pasta 4/doc. 7*)
- Membro da Comissão dos cursos de Especialização no Seminário de Avaliação da Pós-Graduação. 1990. (*Pasta 4/doc. 8*)
- Membro da Comissão de Graduação. ECA-USP, Departamento de Artes Plásticas. 1987 / 1991. (*Pasta 4/doc. 9*)

VII. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS E CULTURAIS

- Participação no Simpósio “A Educação Artística na América Latina e Caribe”, como representante da área de literatura. [reunião de especialistas]. Promoção: UNESCO. Universidade de Uberaba, Uberaba / MG. 16 a 19 de outubro/ 2001. (*Pasta 4/doc. 10, 11*)
- Participação no IV Festival de Artes de Goiás. Universidade Federal de Goiás. Goiânia / GO. 30 de setembro a 02 de outubro/2001. (*Pasta 4/doc. 12*)
- Participação no XII Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil – FAEB. Salvador /BA. Novembro de 1999. (*Pasta 4/doc. 13*)

- Participação no 8º Encontro de Educação de Paulínea. Secretaria de Educação e Cultura. Paulínea / SP. 13 a 17 de julho/ 1998. *(Pasta 4/doc. 14)*
- Participação no Congresso Arte e Ciência. Centro Mario Schenberg / ECA – IF / USP. São Paulo / SP. 25 a 27 de outubro / 1995. *(Pasta 4/doc. 15, 16)*
- Participação na coordenação e preparação do Encontro Internacional de Contadores de Estórias. Evento coordenado pelo Instituto Tarika do Rio de Janeiro. México. Agosto de 1994.
- Participação no I Encontro de Arte Terapia. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo / SP. Outubro de 1993. *(Pasta 4/doc. 17)*
- Participação no I Encuentro del Circulo Internacional de Narradores. Seminarios de Cuentística Tradicional y los Talleres de Narrativa Oral. Instituto Tarika. Arcos de la Frontera / Espanha. Agosto de 1993 e 1991. *(Pasta 4/doc. 18)*
- Participação no Encontro de Educadores de Brinquedos e Brinquedoteca, com apresentação de contos. FDE / Fundação Samuel. São Paulo / SP. Julho de 1993.
- Participação no I Intercâmbio Direito de Brincar. Fundação Abrinq. São Paulo / SP. Março de 1993. *(Pasta 4/doc. 19)*
- Participação na Semana Cultural do Colégio Arquidiocesano, com apresentação de contos. São Paulo / SP. Outubro de 1992. *(Pasta 4/doc. 20)*
- Participação no Movimento dos Cidadãos e Povos do Mundo, com apresentação de contos. Setembro de 1992. *(Pasta 4/doc. 21)*
- Participação na Bienal Internacional do Livro-Oficina. São Paulo / SP. Setembro de 1992. *(Pasta 4/doc. 22)*
- Participação no I Simpósio de estudos teóricos e críticos da literatura infantil. FFLCH – USP – 1990. *(Pasta 4/doc. 23)*
- Participação no Encontro Tendência atual do Ensino de Arte. MAC-USP. São Paulo / SP. 1991. *(Pasta 4/doc. 24)*
- Participação na 2ª Semana de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Jacareí / SP. 24 a 27 de julho/1990. *(Pasta 4/doc. 25)*
- Participação no 2º Congresso Brasileiro do Brinquedo na Educação de Crianças de 0 a 6 anos. FE-USP / LABRIMP. São Paulo / SP. 11 e 12 de junho/1990. *(Pasta 4/doc. 26)*
- Participação no Seminário de Avaliação da Pós Graduação. ECA-USP. São Paulo / SP. 1990. *(Pasta 4/doc. 27)*
- Participação no Seminário de Literatura, Arte e Educação, como coordenadora de oficina. 11ª Bienal Internacional do Livro. São Paulo / SP. 27 e 28 de agosto/1988. *(Pasta 4/doc. 28)*

- Participação no Encontro sobre o Ensino de Arte: Avaliação e Perspectiva. MAC-USP / Escola da Vila. São Paulo / SP. 30 de junho/1990. (*Pasta 4/doc. 29*)
- Participação no 3º Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte, como membro da equipe organizadora. Coordenação da Profa. Dra. Anna Mae Barbosa. ECA-USP. São Paulo / SP. 1989. (*Pasta 4/doc. 30*)
- Participação no Projeto Quero Ler. Secretaria Municipal de Cultura. Depto de Bibliotecas Infante Juvenis. 1988. (*Pasta 4/doc. 31*)
- Participação no 1º Encontro de Agentes Culturais do Estado de São Paulo, como membro da comissão organizadora. São Paulo / SP. 1987. (*Pasta 4/doc. 32*)
- Participação no Ciclo de Estudos de Arte Educação. Secretaria Municipal de Cultura. Depto de Bibliotecas Infante Juvenis. 1979. (*Pasta 4/doc. 33*)
- Participação no XXIIè Congrès Mondial da INSEA – International Society for Education Through Art. Centro Internacional de Estudos Pedagógicos. Sèvres / França. 07 a 12 de Julho/ 1975. (*Pasta 4/doc. 34*)

VIII. PRODUÇÕES E APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

1. **Narração de contos tradicionais, como um espetáculo que inclui as formas teatral, musical, literária e coreográfica. Espetáculo com acompanhamento musical. Repertório: sem autor, contos de tradição oral. Criação do roteiro, seleção e tradução das histórias, direção do espetáculo e criação do cenário e figurinos:**
 - Título: *“O que fez Kouli a Paili?”* Noite de Contos na Casa Redonda. São Paulo / SP. Maio de 2002. (*Pasta 5/ doc 1*)
 - Título: *“Árvores da Vida”*. Apresentação: Evento Boca do Céu, no Encontro Internacional de Contadores de Histórias. Sesc Vila Mariana. São Paulo / SP. 18 de maio/ 2001. (*Pasta 5/ doc 2*)

- Título: *“Árvores da Vida”*. Apresentação na Associação Palas Athena. São Paulo / SP. 29 de janeiro/ 2001. (Pasta 5/ doc 3)
- Título: *“Árvores da Vida”*. Apresentação na Casa Redonda Centro de Estudos. São Paulo / SP. 15 de setembro/ 2001. (doc 3-A)
- Título: *“Roda de histórias”*. Espetáculo apresentado na Comemoração Folclórica da Lenda do Lobisomem. Prefeitura Municipal de São Luiz do Paratinga / SP. 25 de agosto/ 2001. (Pasta 5/ doc 4)
- Título: *“Narração de contos e oficina de arte-educação”*. Espetáculo apresentado no Encontro de Diretores de educação do Projeto Telessalas Justiça. Fundação Roberto Marinho. São Paulo / SP. 28 de novembro/ 2001. (Pasta 5/ doc 5)
- Título: *“Caravanserai”*. Espetáculo apresentado no Evento Caldeirão Cultural. Syngenta. São Paulo / SP. 2001.
- Título: *“Leituras Roseanas”*. Espetáculo apresentado na Exposição Rosas Rosa – Emblemas e Movimento. Secretaria do Estado da Cultura / Casa das Rosas. São Paulo / SP. 04 de setembro/ 2000. (Pasta 5/ doc 6)
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo realizado no Evento Momento RH – Investindo no Ano 2000. Banco Bilbao Vizcaya S/A. São Paulo / SP. 15 a 17/outubro/ 1999. (Pasta 5/ doc 7)
- Título: *“Caravana dos Sonhos”*. Espetáculo apresentado na I Jornada Pedagógica do Sinesp – Sindicato dos Especialistas de Educação do Ensino Público do Município de São Paulo. FECAP. 14 de maio/ 1999. (Pasta 5/ doc 8)
- Título: *“Caravana de Sonhos”*. Espetáculo apresentado no Evento Roda de Histórias. SESC Ipiranga. São Paulo / SP. 2 de setembro/ 1998. (Pasta 5/ doc 9)
- Título: *“A Mosca de maio e outros contos – Noite de contos com Regina Machado”*. Espetáculo apresentado na Livraria Spiro. São Paulo / SP. 17 de maio/ 1998. (Pasta 5/doc 10)

- Título: *“Confabulando”*. Espetáculo apresentado no I Festival de Contadores de Histórias. SESC Copacabana. Rio de Janeiro / RJ. 23 de abril/ 1998. *(Pasta 5/doc 11)*
- Título: *“Caravanserai – Histórias contadas ao entardecer”*. Espetáculo apresentado na Associação Palas Athena do Brasil. São Paulo / SP. 05 de dezembro/1998. *(Pasta 5/doc 12, 13)*
- Título: *“Caravanserai: encontros de contadores de histórias”*. Espetáculo apresentado no âmbito do Projeto Viagens. Instituto Itaú Cultural. São Paulo / SP. Abril e maio/ 1998. *(Pasta 5/doc 14)*
- Título: *“Caravana de Sonhos”*. Espetáculo apresentado no 8º Encontro de Educação de Paulínea. Secretaria de Educação e Cultura. Paulínea / SP. 17 de julho/ 1998. *(Pasta 5/doc 15)*
- Título: *“Era uma vez... A arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no I Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir. UMESP – SOBRAPHE. São Bernardo do Campo / SP. 06 de junho/ 1998. *(Pasta 5/doc 16)*
- Título: *“Céu de Allah: contos árabes em terras brasileiras”*. Espetáculo apresentado no Evento Brasil Oriente. A Casa. São Paulo / SP. 11 de dezembro/ 1998. *(Pasta 5/doc 17)*
- Título: *“Contos de amor”*. Espetáculo apresentado no Sesc Pompéia na programação Curumin. São Paulo / SP. Junho de 1997. *(Pasta 5/doc 17A)*
- Título: *“Contos judaicos de todos os tempos”*. Espetáculo apresentado no Evento Quatro Lições de Amor na Mitologia. Livraria Spiro. São Paulo / SP. 24 de junho/ 1997. *(Pasta 5/doc 18)*
- Título: *“Histórias Tradicionais”*. Espetáculo apresentado no III Simpósio Internacional: Pluriculturalismo e Currículo na Educação Formal e Não-Formal. Associação Brasileira A Hebraica. São Paulo / SP. 25 de outubro/ 1997. *(Pasta 5/doc 19)*

- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no IV Encontro Nacional das Escolas Associadas à UNESCO. Universidade Castelo Branco. São Paulo / SP. 26 de novembro/ 1997. *(Pasta 5/ doc 20)*
- Título: *“Contos ao pé da lareira”*. Espetáculo apresentado no Espaço Magma. São Paulo / SP. 18 de junho/ 1997. *(Pasta 5/doc 21)*
- Título: *“Os contos das mil e esta noite”*. Espetáculo promovido por Tempo de Arte – Projetos Culturais. São Paulo / SP. 16 de abril/ 1997. *(Pasta 5/ doc 22)*
- Título: *“Caravanserai: era uma vez a arte de contar histórias...”*. Espetáculo realizado na Escola da Vila/ Colégio Fernando Pessoa. São Paulo / SP. 24 de julho/ 1997. *(Pasta 5/ doc 23)*
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estória”*. Espetáculo apresentado na I Jornada de Capacitação dos Profissionais da Educação. Secretaria Municipal de Educação. Jacareí/ SP. 11 de junho/ 1997. *(Pasta 5/ doc 24)*
- Título: *“A Praça”*. Espetáculo realizado no VI Congresso Holístico e Transpessoal Internacional. ALUBRAT. Águas de Lindóia / SP. 05 de setembro/ 1997. *(Pasta 5/ doc 25)*
- Título: *“Noite de Estórias”*. Espetáculo realizado na Escola Nova de Mococa. São Paulo / SP. 29 de agosto/ 1997. *(Pasta 5/ doc 26)*
- Título: *“A arte de contar histórias”*. Espetáculo realizado no Projeto Curumim. SESC. São Paulo / SP. 31 de maio e 01 de junho/ 1997. *(Pasta 5/ doc 27)*
- Título: *“Caravanserai: era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo realizado no 10º Fórum Paulista de Secretárias. SENAC / SINSESP. São Paulo / SP. 06 de setembro/ 1997. *(Pasta 5/ doc 28)*
- Título: *“Caravana de Sonhos: contos tradicionais narrados”*. Espetáculo apresentado na Livraria Spiro. São Paulo / SP. 31 de outubro/ 1996. *(Pasta 5/ doc 29)*

- Título: *“Noite de contos com Regina Machado”*. Espetáculo apresentado no Evento Encontros. Livraria Spiro. São Paulo / SP. 23 de setembro/ 1996. (Pasta 5/doc 30)
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no Encontro das Secretárias. Saint-Göbain. São Paulo / SP. 26 de setembro/ 1996. (Pasta 5/doc 31)
- Título: *“Matinê de estórias para crianças”*. Espetáculo apresentado no Teatro-Escola Brincante. São Paulo / SP. 16 de junho e 25 de agosto/1996. (Pasta 5/doc 32)
- Título: *“A arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no Espaço Cultural Leo Lama. São Paulo / SP. 28 de agosto/1996.
- Título: *“Caravanserai: era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado na CESP - Centrais Elétricas de São Paulo. São Paulo / SP. 30 de setembro/ 1996.
- Título: *“Caravana de Sonhos”*. Espetáculo apresentado no SESC Ipiranga. São Paulo / SP. 26 de setembro/1996.
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Apresentação: Prima Escola. São Paulo / SP. 29 de maio/1996.
- Título: *“Estórias para crianças”*. Espetáculo apresentado no Teatro-Escola Brincante. São Paulo / SP. 16 de maio/1996. (Pasta 5/doc 33)
- Título: *“Noite de contos tradicionais”*. Espetáculo apresentado na Casa Redonda. São Paulo / SP. 22 de junho/1996.
- Título: *“Caravanserai: noite de contos tradicionais”*. Espetáculo apresentado no Evento Criança Fazendo Arte. Projeto Curumim. SESC Bauru / SP. 29 de junho/ 1995. (Pasta 5/doc 34)
- Título: *“Histórias para adultos”*. Espetáculo apresentado na Livraria da Vila. São Paulo / SP. 08, 15 e 22 de dezembro/ 1995. (Pasta 5/doc 35)

- Título: *“Noite de Histórias”*. Espetáculo apresentado no Encontro de Educadores. Secretaria Municipal de Educação. Jacareí / SP. 27 de julho/1995. (Pasta 5/doc 36)
- Título: *“Caravanserai: era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado na Escola Parque. Rio de Janeiro / RJ. 17 de outubro/1995. (Pasta 5/doc 37)
- Título: *“Nas tramas e urdiduras do tecido e do conto”*. Espetáculo apresentado na Terra do Sol. São Paulo / SP. 20 de março/ 1995. (Pasta 5/doc 38)
- Título: *“Caravanserai: contos na toca da noite”*. Espetáculo apresentado na Clínica Vistazul. São Paulo / SP. 08 de novembro/1995.
- Título: *“Contos Tradicionais”*. Espetáculo apresentado na Casa do Olhar / Palavra. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. Santo André/ SP. 02 de dezembro/ 1994. (Pasta 5/doc 39)
- Título: *“Caravanserai: era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado na Primeira Noite de Histórias. Clube Sírio Libanês do Paraná. Curitiba/ PR. 23 de outubro/ 1994. (Pasta 5/doc 40)
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no SESC – Piracicaba / SP. 29 de junho / 1994. (Pasta 5/doc 41)
- Título: *“Caravanserai: histórias contadas ao entardecer”*. Espetáculo apresentada na Palas Athena. São Paulo / SP. 03 de dezembro/1994. (Pasta 5/doc 42, 43)
- Título: *“O conto tradicional e a arte narrativa”*. Apresentação: Nestlé. São Paulo / SP. 31 de agosto/ 1994.
- Título: *“A arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado na Livraria Spiro. São Paulo / SP. 23 de setembro/ 1994.
- Título: *“A arte de contar estórias”*. Apresentação: Bayer. Rio de Janeiro / RJ. 19 de novembro/ 1994.

- Título: *“A arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado no Instituto da Criança. Hospital das Clínicas. São Paulo / SP. 13 de dezembro/ 1994.
- Título: *“A arte de contar histórias”*. Espetáculo apresentado no Projeto Ouvindo Histórias na Convivência. SESC Pompéia. São Paulo / SP. 16 de janeiro/ 1993. *(Pasta 5/ doc 44)*
- Título: *“Histórias da Imaginação – Era uma vez...”*. Espetáculo apresentado na Associação Brasileira de Daseinsanalyse. São Paulo / SP. 15 de maio/ 1993. *(Pasta 5/ doc 45)*
- Título: *“Narração de Estórias”*. Espetáculo realizado no Evento Modos da Moda. SESC / SENAC. São Paulo / SP. 06 de outubro a 06 de dezembro/ 1992. *(Pasta 5/ doc 46)*
- Título: *“Histórias para contar e cantar”*. Espetáculo promovido pelo SESC – Consolação. São Paulo / SP. 19 de setembro/ 1992. *(Pasta 5/ doc 47)*
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo realizado na III Semana Carlos Drummond de Andrade. Colégio Carlos Drummond de Andrade. Barretos/ SP. 28 de outubro/ 1992. *(Pasta 5/ doc 48)*
- Título: *“Era uma vez os adultos que tiveram vez...”*. Espetáculo realizado na Semana Cultural. Magno-Escola Integrada. São Paulo / SP. 10 de junho/ 1992. *(Pasta 5/ doc 49)*
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo realizado na Escola Pueri Domus. São Paulo / SP. 02 de dezembro/ 1992. *(Pasta 5/ doc 50)*
- Título: *“Era uma vez a arte de contar estórias”*. Espetáculo apresentado na Escola Carlitos. São Paulo / SP. 26 e 29 de junho/1991.
- Título: *“Noites de estórias das sextas-feiras”*. Espetáculo apresentado na Granja Viana. São Paulo / SP. 1991. *(Pasta 5/ doc 51)*
- Título: *“Espetáculo de Estórias”*. Espetáculo apresentado no Instituto Thame, com Samuel Napolitano e Rosana Pamplona. São Paulo / SP. 1990. *(Pasta 5/ doc 52)*

- Título: *“Noites de estórias das sextas-feiras”*. Espetáculo apresentado na Escola Miguilim. São Paulo / SP. 1988, 1989 e 1990. *(Pasta 5/ doc 53)*
- Título: *“Noites de estórias”*. Espetáculo apresentado na Livraria Casa de Livro. São Paulo / SP. 1989. *(Pasta 5/ doc 54)*
- Título: *“Dois Espetáculos de Estórias”*. Espetáculo apresentado no Instituto Solaris. São Paulo / SP. 1989.
- Título: *“Espetáculo de Estórias”*. Espetáculo apresentado na Escola Casinha Pequeninina. São Paulo / SP. 1989.
- Título: *“Contadora de Estórias”*. Espetáculo apresentado no Espaço Cultural Yazigi. São Paulo / SP. 1988. *(Pasta 5/ doc 55)*
- Título: *“Contadora de Estórias”*. Espetáculo apresentado no SESC Pompéia. São Paulo / SP. 1988. *(Pasta 5/ doc 56)*

2. Organização de Eventos Artísticos e Culturais

- Título: *“Projeto Eco Teca”*. Projeto de narração de contos e atividades expressivas realizadas pelo Grupo Pé de Palavra de Contadores de Estórias. Realização Bei. Empresa Duke Energy. Espetáculo apresentado em 12 cidades da Região do Paranapanema / SP. Maio, junho e agosto/ 2002. (criação e coordenação). *(Pasta 5/ doc 57)*
- Título: *“O papagaio, o segredo, o boi e o macaco: contos populares brasileiros”*. Direção do espetáculo apresentado no Metrô República e Vila Madalena, como participação no Projeto Vozes e Olhares do Metrô de São Paulo. Companhia Palavra Viva. São Paulo / SP. 2000. *(Pasta 5/ doc 58)*
- Título: *“História dos Bandeirantes”*. Criação e direção do espetáculo, realizado pela Companhia Palavra Viva em cidades do interior de São Paulo, como

participação no Projeto A caravana da coragem da Associação V centenário. 2000.
(*Pasta 5/ doc 59*)

- Título: “*Apresentações de Contos*”. Coordenação de apresentações de contos pelos integrantes da Companhia Palavra Viva no Projeto Palavra em Movimento do Sesc Vila Mariana. São Paulo / SP. 2000. (*Pasta 5/ doc 60*)
- Título: “*Boca do Céu*”. Espetáculo realizado no Encontro Internacional de Contadores de Histórias. Criação e curadoria do evento. Promoção: Sesc - São Paulo. Realização: Sesc / Vila Mariana. São Paulo / SP. 15 de maio a 08 de junho/ 2001.
(*Pasta 5/ doc 61*)
- Título: “*Projeto Caravanserai - Encontros de Contadores de Histórias*”. Criação e curadoria do Evento, inserido no Projeto Viagens. Promoção: Instituto Itaú Cultural. São Paulo / SP. 1998. (*Pasta 5/ doc 62, 63*)

3. Outras Apresentações Artísticas:

- Título: “*As Chaves*”. Narradora na gravação de contos, que resultaram em duas fitas: CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL I e II. Como integrante do Grupo de Contadores de Estórias As Chaves. São Paulo / SP. 1990.
- Título: “*Os habitantes da ilha*”. Espetáculo Teatral realizado no Encontro Nacional do Instituto Tarika. Campinas / SP. 1984. (direção e criação do texto).
- Título: “*Os habitantes da ilha*”. Espetáculo Teatral. Academia Kanon. São Paulo / SP. 1982. (direção e criação do texto).
- Título: “*Domingo no Parque*”. Espetáculo Teatral. Colégio Rainha da Paz. São Paulo / SP. 1977. (direção e criação do texto).
- Título: “*OIAGAPAP*”. Espetáculo Teatral resultado de experiência de teatro com grupo de adolescentes. CRIE – Escola de Educação Infantil. São Paulo / SP. 1975.

IX. PUBLICAÇÕES

1. Publicações Bibliográficas

1.1 Livros Publicados no Brasil

MACHADO, Regina Stela Barcelos. NASRUDIN. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001. (*Pasta 5/doc. 64, 65*)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. **A formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. (*Pasta 5/doc. 66, 67, 68*)

1.2 Capítulos de Livros Publicados no Brasil

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Rasas razões*. In: BARBOSA, A M T B. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez Ed., 2002. (*Pasta 5/doc. 69*)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Uma janela*. In: DAVINI, J. **Janelas da Imaginação**. São Paulo: Espaço Pedagógico. Série Espaço Aberto, 2000. (*Pasta 5/doc. 70*)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Relatório de Experiência*. In: BARBOSA, A M T B. **Arte Educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1985. (*Pasta 5/doc. 71*)

1.3 Prefácios em Livros Publicados no Brasil

MACHADO, Regina Stela Barcelos. Prefácio do livro **O jardim e a primavera: a história dos 4 dervishes**, de Amir Khusru. São Paulo: Attar, 1993. pp. 15-22. (Compilação: Amina Shah. Apresentação: Doris Lessing). (*Pasta 5/doc. 72*)

1.4 Artigos Publicados em Revistas Nacionais

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Malba Tahan - Fabulista incalculável*. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, 1997. pp. 52-56. (Pasta 5/doc. 73)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *O conto de tradição oral e a aprendizagem do professor*. **Revista Idéias**, São Paulo, 1992. pp. 109-115. (Pasta 5/doc. 74)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *O feijão, o sonho e o delírio*. **Revista Ar'te**, São Paulo, 1982. (Pasta 5/doc. 75)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Sobre o teatro na educação: em busca do equilíbrio perdido*. **Revista Ar'te**, v. 2, São Paulo, 1982. (Pasta 5/doc. 76)

1.5 Artigos Publicados em Jornais Brasileiros

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Quem conta um conto, respira um ponto...* **Jornal Furabolo**, Fundação Cargill, nº 3, São Paulo, abril/maio de 2001. p.1. (Pasta 5/doc. 77)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Adeus ao urso com legenda*. Resenha do livro O arteiro e o tempo, de Glauco Rodrigues e Luis Fernando Veríssimo. **Jornal de Resenhas da Folha de São Paulo**. São Paulo, 05 de fevereiro/ 1996. (Pasta 5/doc. 78)

1.6 Textos Publicados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Ahc ed asac – a função da arte no magistério*. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, São Paulo/SP, 1988. (*Pasta 5/doc. 79*)

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *A curiosidade, uma senhora desconhecida*. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, São Paulo/SP, 1983. (*Pasta 5/doc. 80*)

1.7 Participação em publicação de órgãos oficiais

- PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Fundamental. Área de Artes. Participação na elaboração e redação. MEC. São Paulo / SP. 1996. (*Pasta 5/doc. 81*)